

WALÉRIA AMARAL



**UMA IMAGEM DE CURITIBA/PR
A PARTIR DO "OLHAR" DOS CARRINHEIROS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Mestrado em Geografia - área Gestão e Análise Ambiental, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Francisco A. Mendonça

CURITIBA

2001



UMA
IMAGEM
DE
CURITIBA/PR
A
PARTIR
DO
“OLHAR”
DOS
CARRINHEIROS



Waléria Amaral
Curitiba - 2001



**UMA IMAGEM DE CURITIBA/PR
A PARTIR DO “OLHAR” DOS CARRINHEIROS**

**Waléria Amaral
Curitiba - 2001**

TERMO DE APROVAÇÃO

Waléria Amaral

UMA IMAGEM DE CURITIBA/PR A PARTIR DO “OLHAR” DOS CARRINHEIROS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Mestrado em Geografia - área Gestão e Análise Ambiental, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, defesa em 16 de outubro de 2001, pela seguinte; banca examinadora:

Orientador: Prof Dr. Francisco A . Mendonça

- Deptº Geo - UFPR

Profª Drª Yoshia N. Ferreira

- Deptº Geo - UEL/PR

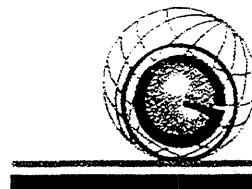
Profª Drª Salete Kozel Teixeira

- Deptº Geo - UFPR

Prof Dr. Leonardo J. C. Santos

- Deptº Geo - UFPR

Curitiba – 2001



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia, reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pela candidata **WALÉRIA AMARAL**, sob o título “*Uma Imagem de Curitiba-Pr a partir do “Olhar” dos Carrinheiros*”, para obtenção do grau de Mestre em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Área de Concentração **Análise e Gestão Ambiental**.

Após haverem analisado o referido trabalho e argüido a candidata, são de parecer pela **Aprovação** da Dissertação, com média final 9,0 (Nove inteiros), correspondente ao Conceito: A, com menção **Distinção atribuída à originalidade do trabalho, notadamente quanto a metodologia da pesquisa.**

Curitiba, 16 de outubro de 2001.

[Handwritten signature]
Profa. Dra. Yoshiya Nakagawara Ferreira
(Deptº de Geografia – UEL)
Primeira Examinadora

[Handwritten signature]
Prof. Ms. Salete Kozel Teixeira
(Deptº de Geografia – UFPR)
Segundo Examinador

[Handwritten signature]
Prof. Dr. Leonardo José Cordeiro Santos
(Deptº de Geografia - UFPR)
Terceira Examinadora

[Handwritten signature]
Prof. Dr. Francisco de Assis Mendonça
Orientador e Presidente da Banca
UFPR

RESUMO:

O presente trabalho teve como propósito identificar a leitura de um grupo de carrinheiros, moradores na Vila das Torres, Curtiba/Pr, sobre a imagem da cidade. A pesquisa foi estrutura a partir da representação fotográfica das imagens percebidas no seu percurso diário. Tem como suporte teórico, a Geografia Humanística, enfocando a Percepção Ambiental. Utilizou-se como instrumento principal, máquinas fotográficas descartáveis, entregues a um grupo de 12 carrinheiros, onde estes fotografaram as imagens e as interpretaram. A leitura das imagens, aparece descrita juntamente com as fotografias no primeiro capítulo e, tem como objetivo despertar uma primeira “percepção livre” do objeto de estudo. Trabalha-se os conceitos filosóficos e sentimentais de “belo” e do “feio”, inseridos no mundo vivido pelos carrinheiros. Justificando o método humanístico, apresenta-se uma fundamentação teórica imbuída na Geografia Humanística, estudando conceitos de urbanização/metropolização, e sequencialmente o caso de Curitiba, inseridos nos conceitos de Geografia, meio ambiente e resíduos sólidos urbanos. Inseriu-se uma breve introdução da urbanização e da percepção da cidade moderna, a imagem oficial de Curitiba , o sistema de coleta de lixo na cidade e os aspectos sociais da Vila das Torres e dos carrinheiros que ali residem. O trabalho teve como objetivo a percepção ambiental dos carrinheiros, suas aspirações, seus conflitos, seu mundo vivido, possibilitando uma nova leitura da imagem de Curitiba/PR, a partir do “olhar” dos carrinheiros.

RÉSUMÉ:

L'objectif de ce travail consiste à identifier la lecture qu'un groupe de "carrinheiros" , habitant le quartier de "Torres" à Curitiba/ Paraná, se fait de l'image de la ville. La recherche se base sur la représentation photographique des images qu'ils perçoivent au quotidien. Du point de vue théorique, elle se base sur la Géographie Humaniste en se focalisant sur la Perception Environnementale. Nous avons utilisé comme outil principal des appareils photo jetables qui furent remis entre les mains de ces "carrinheiros" afin qu'ils produisent leur propres images de la ville et qu'ils les interprètent. L'interprétation des images apparaît juste à côté des photos dans le premier chapitre et elle a pour objectif de provoquer une première "perception libre" de l'objet d'étude. Les concepts philosophiques et sentimentaux de "Beau" et de "laid", appartenant au vécu des "carrinheiros" y sont analysés. De manière à justifier la méthode humaniste, nous présentons une base théorique comprise dans la Géographie Humaniste en étudiant les concepts d'urbanisation/ métropolisation, et par conséquent le cas de Curitiba incérés dans les concepts de Géographie, d'Environnement et de Résidus solides et urbains. Ce travail comprend une brève introduction à l'urbanisation et à la perception de la ville moderne, l'image officielle de Curitiba, le système de ramassage des ordures de la ville et les aspects sociaux du Quartier de "Torres" et des "carrinheiros" qui y vivent. L'objectif de ce travail comprend la perception environnementale des "carrinheiros", leurs aspirations, leurs conflits, leur vécu, et cherche à permettre une nouvelle lecture de l'image de Curitiba/P.R., à partir de leur "regard".

Note du TRD : "carrinheiros" ce sont des personnes qui vivent (survivent) de la collecte d'ordures recyclables telles que le papier, le carton etc...

AGRADECIMENTOS

Agradeço afetivamente o meu grande “amigo - irmão” , compartilhando momentos de felicidade e de profundas angústias, à ele que sempre me incentivou, à ele que fez cobranças severas me empurrando pra frente e não me deixando desistir, ao seu ombro que me acolheu em todo este percurso, à ele amado amigo-irmão, que é o meu orientador.

A minha amiga, companheira de todas as horas, Clari, pelo incentivo, pelas idéias, pela paciência, pelo carinho, pela atenção, pelo amor - pelo lado bom da vida.

Agradeço à prof. Salete pela inspiração de me apaixonar pela percepção e pela amizade que se iniciou aí.

Agradeço à prof. Lívia de Oliveira, por parte importante da bibliografia enviada.

A minha mamãe, que sempre me apoiou, mesmo não entendendo muito o que eu estava fazendo.

A amiga Nathalie, pela sempre força, principalmente no francês.

A amiga Gi por estar sempre junta nos altos e baixos.

As meus queridos amigos, Milton, Yaros, Dirce, Liz, minha prima Carol, pelos empurrôezinhos constantes.

A todos os personagens dessa “história-vida”, por todas as lágrimas tristes e felizes que compartilhamos juntos em todo o processo.

E , também não poderia deixar de agradecer às minhas cadelinhas, Brida e Morgana (grande perda, muita saudade) e à bebezinha Maya por estarem sempre presentes, literalmente ao meu lado, aliviando minhas tensões.

DEDICAÇÃO

Dedico este trabalho à Laura, Salvador, Gabriel, Sabina, Anaíz, e a todas as crianças que “olham” para o mundo com a esperança de dias melhores.

*“A gente não quer só comer
A gente quer comer, quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade”*

(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito)

SUMÁRIO

Introdução01
Capítulo I	
Curitiba vista sob o olhar dos “carrinheiros”09
I.1 - A imagem de Curitiba através da percepção.....	.11
I.1.1.O “belo”de Curitiba na percepção dos carrinheiros.....	.11
I.1.1. O “feio”de Curitiba para os carrinheiros.....	.23
Capítulo II	
Geografia, meio ambiente e resíduos sólidos urbanos: elementos para	
a educação ambiental.....	.41
II.1. A geografia humanística e a concepção do espaço e lugar.....	.42
II.2. O enfoque ambiental da geografia humanística.....	.47
II.3. O problema dos resíduos sólidos urbanos.....	.52
II.4. Os “catadores de lixo”56
II.5. A percepção ambiental58
Capítulo III	
Condições sócio-espaciais dos carrinheiros em Curitiba/Pr67
III.1 - A urbanização e a percepção da cidade moderna:	
breve introdução.....	.71
III.2. A cidade de Curitiba e sua(s) imagem(s) oficial75
III.3. O sistema oficial de coleta de lixo em Curitiba83
III.4. Aspectos sociais da Vila das Torres e dos “catadores de lixo”	
de Curitiba86
Bibliografia referenciada99
Bibliografia consultada101
Anexo105

Lista de fotografias

FOTO 01	11
FOTO 02	12
FOTO 03	13
FOTO 04	14
FOTO 05	15
FOTO 06	16
FOTO 07	17
FOTO 08	18
FOTO 09	19
FOTO 10	20
FOTO 11	21
FOTO 12	22
FOTO 13	23
FOTO 14	24
FOTO 15	25
FOTO 16	26
FOTO 17	27
FOTO 18	28
FOTO 19	29
FOTO 20	30
FOTO 21	31
FOTO 22	32
FOTO 23	33
FOTO 24	34
FOTO 25	70

Mapa

**“Eu solto raia. Eu pulo valetão.
Eu vim da roça, eu cato papelão
Pra ajudar
Meus pais e meus irmãos
pois é do lixo
que sai meu ganha pão.
Eu sou uma criança simples.
Não sei se vou pro céu.
Só sei que moro na favela
E sou um catador de papel
Catar papel é minha vida
pois na cidade não tenho saída
Chego em casa muito cansado.
Vou rezar pra Deus me ajudar
pra essa vida um dia melhorar
Eu sou uma criança e creio na esperança
porque eu tenho uma herança
e essa herança é ser criança”
(autor/carrinheiro desconhecido)**

INTRODUÇÃO

Com a intensificação do processo de urbanização-industrialização mundial nas últimas décadas, o saneamento de resíduos sólidos passou a constituir um dos mais sérios problemas da humanidade. Segundo DAROLT et al (1996, p. 8), “no Brasil, 60% da população vive concentrada em suas nove mais importantes áreas metropolitanas, o que resulta na crescente geração de resíduos sólidos nas grandes cidades. As quantidades geradas de resíduos sólidos no país tendem continuamente a crescer, uma vez que as migrações para áreas urbanas continuam existindo.”

O termo “resíduos sólidos” diferencia-se do termo “lixo”¹ pois, enquanto este último é composto de objetos que não passem qualquer tipo de valor ou utilidade, sendo constituído de porções de materiais sem significação econômica e sobras de processamentos industriais ou domésticos a serem descartados, enfim, qualquer coisa que se deseje jogar fora, o resíduo sólido possui valor econômico agregado, por possibilitar o reaproveitamento no próprio processo produtivo. Com respeito a esta definição, deve-se observar que o conceito de utilidade é relativo, pois alguns objetos e materiais que são descartados por determinadas pessoas podem ser reaproveitados por outras. Do mesmo modo, matérias que em pequenas quantidades não tem valor, em grandes centros urbanos, podem passar a ter significado econômico.

Além da quantidade e da qualidade do lixo, o tipo de destinação final dos resíduos sólidos também é influenciado pelas condições econômicas da população e pelas demandas sociais em relação às questões ambientais. Atualmente, um dos temas ambientais que mais tem chamado a atenção, motivado também pela mídia, e que desperta o interesse popular é a reciclagem de materiais descartáveis. Dentro dos programas de gerenciamento do lixo, os programas de reciclagem merecem atenção especial do poder municipal, bem

¹ Os dois termos são usados livremente neste trabalho, porém, em algumas de suas partes um e outro são empregados em conformidade com os conceitos aqui mencionados.

como a geração de políticas exclusivas, principalmente pela existência de uma expressiva parcela da população que, através da coleta de materiais, faz do lixo um meio de sobrevivência, crescente nos países “em estágio de desenvolvimento complexo”². As pessoas que compõem esta população recuperam materiais para reutilização e reciclagem, além de outros itens para o seu próprio consumo, e são conhecidos como “catadores ambulantes”, “catadores de papel” ou “carrinheiros”.

Trabalhadores informais, os carrinheiros trazem benefícios à sociedade; sua atividade ajuda a diminuir o volume de resíduos que necessita ser coletado, transportando e armazenando, reduzindo os gastos do governo local e aumentando a vida útil dos aterros sanitários.

Os espaços para deposição do lixo sólido, nem sempre adequados, proporcionam os mais diversos problemas tais como poluição do solo, contaminação dos recursos hídricos, transmissão de doenças, etc. Além da degradação ambiental, causam ainda um impacto estético incomparável devido às enormes montanhas de lixo e resíduos sólidos, expostos a céu aberto, sendo ao mesmo tempo espaço de convívio diário de uma parcela da população- os carrinheiros.

Nos últimos anos a coleta seletiva, o reaproveitamento e a reciclagem dos produtos têm se configurado em propostas para solução mais eficiente e atrativas para o gerenciamento dos resíduos sólidos, produzidos pela população principalmente urbana, que através da atual política internacional de consumismo desenfreado tornou-se uma grande produtora de lixo.

A reciclagem representa, acima de tudo, um ato inteligente, principalmente quando se considera seus reflexos sobre a redução da pressão sobre as fontes produtoras de matéria-prima e a economia de gastos com extração das mesmas. A reciclagem implica também numa economia de transportes, custos de operação, e também poupa os aterros sanitários, quando existirem, ou simplesmente lixões, proporcionando ainda uma fonte de recursos através da coleta e a comercialização dos resíduos para as indústrias.

² Expressão utilizada por MENDONÇA (2001a) para referir-se a países que apresentam considerável desenvolvimento econômico paralelo à condições de subdesenvolvimento social. Enquadram-se neste tipo de países como o Brasil (0,793), Canadá (0,960, México (0,953), Austrália (0,931), Argentina (0,884), Venezuela (0,861), África do Sul (0,716), Índia (0,446) etc.

Segundo dados do CEMPRE (1995) - Compromisso Empresarial para Reciclagem, em nível nacional, cada habitante de uma cidade produz em média cerca de 500 a 600 gr. de lixo por dia (DAROLT et al, 1999), e a sociedade ainda não encontrou uma solução satisfatória para o equacionamento dos problemas relacionados a estes problemas. Essa problemática ambiental desperta questionamentos que evidenciam que a realidade esteja, aparentemente, desenvolvendo-se de forma tranquila, mas que é, em essência, fortemente conflituosa.

Diante do discurso que consagra a cidade de Curitiba como detentora de excelente qualidade de vida, intitulando-a “Capital do Primeiro Mundo” e “Capital Ecológica” (SANCHEZ GARCIA, 1999; MENDONÇA, 2001a e 2001b) dentre outros, e a promove como modelo de urbanismo e exportadora de soluções para problemas ambientais urbanos, o trabalho dos carrinheiros é de suma importância para estas soluções, mas estes continuam marginalizados dentro deste espaço urbano. O sistema convencional de coleta de lixo não atinge toda a cidade e não consegue resolver a contento o problema da separação de resíduos. O programa oficial “Lixo que não é Lixo”, lançado em 1989 pela Prefeitura Municipal de Curitiba, estabeleceu novo tratamento ao lixo reciclável. Foi feito uma grande campanha publicitária a fim de trabalhar com a conscientização da população para a importância da separação do lixo, e que ficou sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Comunicação Social. A campanha teve como principal objetivo o envolvimento da comunidade curitibana num processo educativo, motivador para a melhoria da qualidade de vida e, consequentemente, do meio ambiente. As etapas foram estabelecidas contando, primeiramente com um trabalho de Educação Ambiental nas escolas da rede municipal de ensino, sensibilizando os alunos para esta problemática ambiental; foi também incluído o programa “Câmbio Verde”, atingindo populações carentes num trabalho de “troca” do lixo reciclado por alimentos. Este programa obteve êxito, por exemplo, na medida em que o total recolhido de lixo reciclável, a maior parte representado por papel, veio poupar mais de 2 milhões de árvores.³

³ Dados registrados em painel eletrônico da Secretaria Municipal de Meio Ambiente no Parque Barigui, abril, 2001.

O impacto da reciclagem do lixo é muito significativo. Todavia, a maior parte destes resíduos sólidos é coletada pelos carrinheiros, que tem seu número aumentado consideravelmente nas últimas décadas, sendo que mais de 3000⁴ pessoas encontram-se atualmente envolvidas com esta atividade; elas coletam, transportam, separam e vendem o produto aos depósitos, geralmente instalados na sua própria moradia.

A Geografia é uma ciência intrinsecamente ligada às demais, principalmente às sociais e, cada vez mais, os geógrafos vêm preocupando-se em considerar a espacialização dos sistemas sociais em um determinado tempo, numa análise integrada dos aspectos sociais, econômicos e ambientais. "Ora com conotação mais exata, ora candente de humanismo, os geógrafos dependendo de sua postura político-ideológica, construíram uma Geografia eclética e difusa, talvez complexa como a própria natureza humana, já que a Geografia é uma ciência social" (SANTOS, 1986).

Dessa forma, cresce em ritmo acelerado a tendência, bastante significativa, em difundir um novo modo de ver e valorizar o meio ambiente no qual o ser humano está inserido, de um novo relacionamento homem/meio natural. Esta tendência permeia os diferentes campos científicos, ora resgatando conceitos e formas tradicionais de investigação, mesmo alguns considerados ultrapassados, ora aplicando novas teorias e novas abordagens.

Uma das respostas da Geografia aos novos desafios lançados pelo "novo ambientalismo" evidencia-se, como consequência da modernidade, no fato de que as relações homem/natureza são cada vez mais mediatizadas pelas relações sociais, isto é, pelas relações entre os homens. A Geografia Humanística desempenha, neste aspecto, importante papel, na medida em que procura entender e explicar o mundo dos homens por meio das relações das pessoas com o meio natural, bem como do seu comportamento geográfico, seus sentimentos e idéias sobre o lugar.

A Geografia Humanística trabalha com conceitos de espaço, lugar e paisagem, com o mundo vivido. Um dos prismas que essa corrente abrange é o

⁴ Dados oficiais da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba, 2000.

elo afetivo construído por uma pessoa, ou um grupo de pessoas, que compõe a percepção ambiental.

As relações entre os seres humanos e o meio ambiente constitui o cerne da problemática ambiental; essa premissa está inteiramente relacionada à identidade do lugar. Segundo KOHLSDORF (1998, p. 28), “A característica ativa dos lugares manifesta-se também propondo expectativas, a que respondem com emoções diversificadas, como a surpresa do inesperado, a angústia da desorientação, a curiosidade em um percurso, a tranquilidade, a excitação, a tristeza, a monotonia, a agressividade ou a nostalgia”.

O presente trabalho apresenta uma leitura de Curitiba através do “olhar” dos carrinheiros; sua organização explicita uma mudança quanto à clássica sequência de apresentação do conteúdo por capítulos , como se verá a seguir.

A proposta central do trabalho - Curitiba sob o “olhar” dos carrinheiros - é apresentada no primeiro capítulo, que é composto pelas transcrições das interpretações que os mesmos fazem da cidade. O capítulo foi sub-dividido em dois itens que evidenciam a leitura feita pelos carrinheiros das paisagens urbanas cotidianas registradas em fotografias.

O primeiro subítem do capítulo I, despojado de qualquer análise revela uma outra Curitiba; uma Curitiba segundo a percepção dos carrinheiros. No segundo subítem estão referenciadas algumas interpretações filosóficas de estudiosos sobre os conceitos do “belo” e do “feio”, bem como são transcritos relatos dos carrinheiros em relação a esses conceitos, na perspectiva de identificar como as pessoas concebem as belezas de seus lugares.

A fundamentação teórica que serviu de base para este trabalho é tratada no segundo capítulo, organizado em cinco subtemas. A abordagem humanística serve de suporte como método de integração geral, por ser a mais alternativa para os estudos geográficos e ter como tarefa a interpretação da dinâmica da experiência vivida. Trata-se de responder quais são os conhecimentos espaciais e os envolvimentos das pessoas com os seus lugares, tratando as concepções teóricas sobre o espaço e o lugar juntamente com pressupostos filosóficos da perspectiva humanística, enfocando questões ambientais como o problema dos

resíduos sólidos urbanos, os catadores de lixo e a educação ambiental numa perspectiva ambiental.

Até certo ponto da história, as sociedades humanas se organizaram de modos diversos e formaram patrimônios tecnológicos próprios. Delimitaram a área da superfície terrestre que ocupavam e produziram, cada qual à sua maneira, estilos de vida e espaços geográficos diferenciados; para entender estes “espaços”, sente-se a importância do enfoque dado à urbanização e metropolização nos mundos desenvolvido e sub-desenvolvido, contextualizando o processo de urbanização e recortando o caso de Curitiba. Neste contexto, situa-se a urbanização e a percepção da cidade moderna e, neste particular, enfoca-se o Programa Oficial de Coleta de Lixo de Curitiba e os aspectos sociais do lugar onde vivem os catadores de lixo. Esta abordagem constitui o terceiro e último capítulo da presente dissertação.

Nas considerações finais tenta-se esclarecer a questão cerne que direciona este trabalho, de como os carrinheiros vêem Curitiba e de que maneira o citymarketing contribui para que estes urbanitas vivenciem as paisagens fotografadas. É nesta parte do trabalho que estão concentradas as tentativas de articulações analíticas entre as diversas partes do estudo teórico e empírico elaborado, que é concluído pelas referências bibliográficas referenciadas e consultadas.

Estratégias da pesquisa.

A interpretação geral deste estudo está pautada no método humanístico, já mencionado. Todavia, cabe também ressaltar as estratégias metodológicas empregadas para a elaboração do mesmo.

O primeiro passo refere-se à interpretação do olhar dos carrinheiros para Curitiba, afim de investigar o modo como estes vêem a cidade em que moram, como identificam a paisagem curitibana dentro do seu percurso diário; para esta ação, definiu-se o grupo a ser trabalhado tendo optado, primeiramente, pelos carrinheiros que circulam pela área central da cidade.

Foram abordados aleatoriamente, durante os anos de 2000 e 2001, vários carrinheiros - aproximadamente 42 trabalhadores; para tanto, utilizou-se como instrumento de abordagem, a aplicação de questionários (Anexo 1) contendo um total de 33 perguntas objetivas e abertas.

Além dos questionários foram distribuídas 32 máquinas fotográficas descartáveis para diferentes carrinheiros, contendo 27 poses cada uma. Foi sugerido aos carrinheiros que fotografassem imagens "significativas" para eles no seu percurso cotidiano, enquanto moradores e trabalhadores da cidade. Destas máquinas fotográficas somente 4 retornaram; o restante, num total de 28, foram desviadas, "perdidas ou roubadas" na colocação deles.

Diante dessa dificuldade, procurou-se abordar carrinheiros no seu próprio local de moradia, no caso a Vila das Torres em Curitiba, escolhida por concentrar grande número de carrinheiros. Todavia, diminuiu-se consideravelmente o público alvo e selecionou-se um grupo de 20 carrinheiros e suas respectivas famílias, havendo mais sucesso no retorno das máquinas fotográficas (num total de 12).

A aplicação do questionário se deu à estes 12 indivíduos por estarem dentro dos novos critérios estabelecidos pela pesquisa (mesma localidade de moradia). O questionário está organizado em dois momentos; o primeiro consta de 24 perguntas objetivas e 06 perguntas abertas, cujo objetivo é levantar dados pessoais, condições sociais e aspectos econômicos dos catadores de papel. O segundo momento, aplicado após a revelação das fotografias, constou de quatro perguntas abertas direcionadas à percepção.

Tendo em vista o fato do que apesar do questionário ser um instrumento básico para a pesquisa, ele só foi aproveitado para o conhecimento da realidade social e econômica do grupo, mesmo contendo perguntas abertas, pois as respostas tiveram aparência formal descaracterizando o real objetivo do trabalho perceptivo - a leitura destes através dos seu "olhar" sobre a cidade.

A estratégia fundamental para a identificação da imagem de Curitiba a partir da leitura dos carrinheiros foi a utilização de fotografias. As máquinas descartáveis foram entregues aos carrinheiros, etiquetadas com identificação de cada um; estes fotografaram a cidade com o mesmo objetivo já descrito.

Foram necessários vários retornos às residências desses trabalhadores para coleta das máquinas fotográficas e a entrega das fotos reveladas a cada “carrinheiro-fotógrafo”, contendo em cada filme o primeiro nome e a respectiva idade; estes então interpretaram o por quê da escolha das imagens, o que sentiram ao tirar e ao ver as fotos, quais as que mais gostaram e por quê, além da sua representatividade. A leitura das fotos foi registrada em entrevista e gravada em fita cassete, transcritas no primeiro capítulo.

Capítulo I**CURITIBA VISTA SOB
O OLHAR DOS “CARRINHEIROS”.**

A imagem de Curitiba para os catadores de papel, através de sua identificação e percepção, por intermédio de fotografias, constitui o conteúdo deste capítulo.

As paisagens de Curitiba, percebidas e fotografadas pelos carrinheiros, explicitam-se na relação que eles fazem com os elementos que compõem o “belo” e o “feio”, no seu dia-a-dia, bem como com relação ao meio ambiente.

Nos relatos aqui transcritos constam apenas o primeiro nome de cada “carrinheiro-fotógrafo” e sua respectiva idade; neles não se acrescentou nenhuma análise, somente a leitura dos catadores de papel. O objetivo é registrar o olhar do carrinheiro livre de qualquer análise científica e que possibilita, por si só, inúmeras análises.

O “belo”, o “feio” e o “meio ambiente” também possuem inúmeras conotações, sendo algumas referenciadas na segunda parte deste capítulo, mais uma vez apresentadas despojadas de análise profunda. O objetivo é, mais uma vez, despertar no leitor uma primeira “percepção livre” do objeto de estudo. O conteúdo dos capítulos seguintes direcionará, sem sombra de dúvidas, a compreensão da percepção dos catadores a partir de um suporte científico.

I.1. A imagem de Curitiba através da percepção dos carrinheiros: O registro fotográfico e sua interpretação.

I.1.1. O “belo” de Curitiba na percepção dos carrinheiros.

FOTO 01.



“As crianças também ajudam. Ele quer ser forte como eu, e ter seu próprio carrinho”.

(Júlio, 33).

FOTO 02.



“Dá pra ver as horas, todo mundo, rico ou pobre vê tudo igual”.

(Lúcia, 16).

FOTO 03.



***“Caprichei nesta daí, é a hora mais bonita e mais cansativa do dia.
Venho carregado e suado, vejo o por do sol nos grandes prédios.
É bonito de ver.”***

(Claudinei, 22).

FOTO 04.



“Nunca entrei lá, mas é muito bonito de se ver”.
(Adão, 23).

FOTO 05.



***"Pudia ser tudo assim, a Vila toda organizada. O rio até parece
bunito, pudia ser limpo".***

(Daiane, 13).

FOTO 06.



“É muito bonita e moderna esta rua vinte e quatro horas, gosto desses arcos, só tem em Curitiba”.

(Marcos, 15).

FOTO 07.



“É a praça mais importante, é cheia de gente, de árvores e tem muito ônibus. Os tubos dos expressos ficaram bunitos”.

(Francisco, 49).

FOTO 08.



**“É lindo demais esse lugar, passo por aqui todos os dias e nunca
enjôo de olhar”.**

(Clenair, 31). “

FOTO 09.



“É bom respirar o ar puro desse lugar”.

(Josué, 28).

FOTO 10.



“É o trabalho da minha família, é bonito de se vê, o meu neto tá parecido com uma formiguinha feliz, depois de encher o carrinho”.

(Suely, 43).

FOTO 11.



"Acho bonita estas loja do centro, a gente pode entrar, num é como nus chopim, que só pode ir gente bunitinha e cherozinha".

(Altiva, 44).

FOTO 12.



“Os tubos de ônibus é bem bonito, até os povo desenvolvido e rico já quiz copiar da gente.”

(Maria, 41).

I.1.2. O “feio” de Curitiba para os carrinheiros.

FOTO 13.



“Num é bunito ver um homem durmino na rua, jogado como se fosse lixo”.
(Lúcia, 16).

FOTO 14.



“Nossa casa é suja e bagunçada, misturada com um monte de papel”.
(Marcos, 15).

FOTO 15.



"Acho feio todos esses cartazões, eles também sujam a cidade. Um lugar tão bonito, não deveria deixar colocar essas propagandas".

(Daiane, 13).

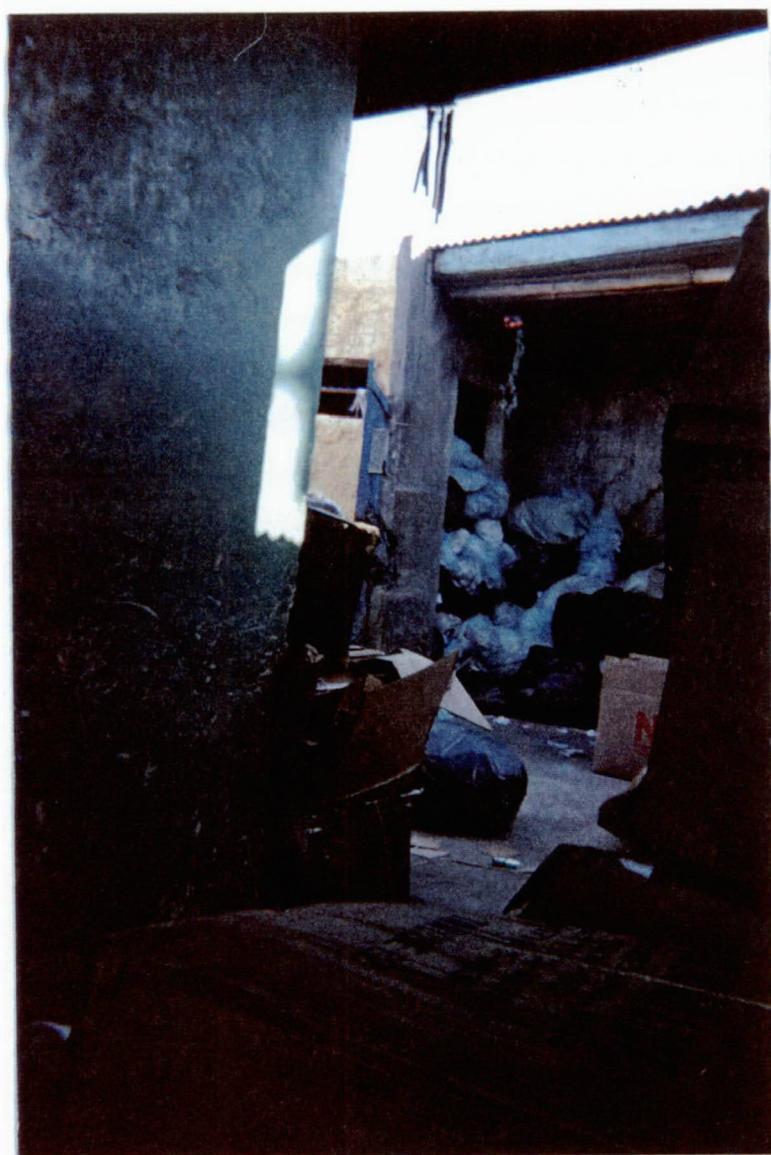
FOTO 16.



“O trabalho não é feio, o tipo do trabalho que é muito sujo e sem recompensações. Fazemos a parte suja para limpar a cidade bonita”.

(Francisco, 49).

FOTO 17.



“É feio ver esse material amontoado junto com a gente, parece lixo”.
(Júlio, 33).

FOTO 18.



“O rio deveria ser bonito, mas todo mundo joga muito lixo e aí ele fica horroroso, com um fedor e muitos pernilongos, se bem que nesta foto até parece limpinho”.

(Adão, 23).

FOTO 19.



“É muito cachorro junto com tudo, o pessoal daqui da Vila adora cachorro, mais o povo que vem de fora acha que a gente é muito porco, aí eu acho feio”.

(Valdiva, 44).

FOTO 20.



“Tirei essa foto pra mostrar nossas crianças brincando na valetinha de esgoto. Essa sujeira na porta de casa é uma coisa muito feia”.
(Clenair, 31).

FOTO 21.



“A gente não tem onde jogar nosso lixo, o povo acha que a gente já tá acostumado com o lixo, só que o lixo que é aproveitado é que fica perto da gente e não essa lixarada toda que não presta pra nada. Só serve pra enfeiar ainda mais nosso lugar”.

(Josué, 28).

FOTO 22.



“Veja que foto bonita e ao mesmo tempo feia. É bonita quando mostra a cara feliz dos meus colegas com o carrinho cheio, o que é feio não são os meus colegas, em nosso trabalho, mas a falta de esperança de melhorar a nossa vida”.

(Claudinei, 22).

FOTO 23.



“Como posso achar feio o meu lugar? Feio não, é muito triste ver nossas crianças sem poder sonhar com um futuro melhor e a gente não poder fazer nada”.

(Suely, 43).

FOTO 24.



“Chamo esta foto de “Uma janela para o futuro”, não precisa falar mais nada né?“.

(Claudinei, 22).

I.2 Os elementos que compõem o “belo” e o “feio” da imagem de Curitiba para os catadores de papel e sua relação com o meio ambiente.

“Carros, carros, carros...

gente, gente, gente...

Cidade!

Lixos!

Eu.

Formiga.”

(Claudinei, 22)

Formiga, “nome comum dos membros de uma família de insetos sociais, ou seja, que vivem em colônias organizadas, indivíduo diligente e econômico”¹.

Insetos sociais, como a formiga, é a descrição de Claudinei (22), como ele se vê diante da cidade, esta fotografia cotidiana inserida na sua vida.

Tarefa árdua, competente e eficaz, este trabalho, de coletar resíduos sólidos e encher o carrinho o máximo que der conta, muito mais do que seu próprio peso, muito mais do que seus próprios sonhos, expressa-se nas seguintes colocações:

“Não quero muito, só quero ser visto como gente”.

(Claudinei, 22).

“Sonho em poder viver melhor”.

(Suely, 43).

“Quero um dia ser bonita como Curitiba”.

(Lúcia, 16).

“Um sonho de ser feliz, de viver com dignidade”

(Francisco, 49).

“Social” é o termo literal, aquele que define “solidariedade”; “insetos sociais” é assim que se vêem, na sua visão de mundo, esta solidariedade inata a qualquer ser da mesma espécie, com os mesmos objetivos comuns - o da sobrevivência.

¹ Denominação retirada do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, - Master, 1995.

A coleta começa cedo para estes trabalhadores do lixo. O trabalho contínuo e esquemático de “catar” os resíduos sólidos, encher os carrinhos, carregá-los por quilômetros, separá-los, entregar o material ao “dono”, e receber seu pagamento semanal. “Operários” é o que são dentro da divisão funcional do “formigueiro”.

Vivendo e morando com o “lixo”, na construção mental da sua vida, o feio e o belo se misturam, formando uma homogeneidade de imagens entre o seu real e o real que a cidade que escolheram para morar lhes oferece.

“A cidade é bela, é limpa, nós é que somos a parte feia”.

(Clenair, 31).

A maioria das pessoas concorda que belo é algo que agrada, que satisfaz os sentidos, que proporciona prazeres. No entanto, essas mesmas pessoas não chegam a um consenso sobre se determinado ser ou objeto é belo ou feio.

Segundo Kant (in: DUARTE, 1997), “belo é o que apraz universalmente sem conceito”, portanto é impossível conceituar ou definir racionalmente o belo e o feio, pois a beleza para uns está objetivamente nas coisas e, para outros ela é subjetiva e pessoal a respeito das coisas.

Segundo COTRIM (2000 p. 319-320), “para Hume, a beleza não está nos objetos, mas depende do gosto de cada um, da maneira como cada pessoa vê o objeto”; para Platão “a beleza é algo que existe em si mesma”. Hegel afirma que “a beleza artística não diz respeito apenas à sensação de prazer que determinada obra possa proporcionar, mas à capacidade que ela tem de sintetizar um dado conteúdo cultural de um momento histórico”.

A concepção de “belo” ou “feio” implica que a percepção da beleza é uma construção social, que depende da capacidade da pessoa na utilização dos seus sentidos, na sua capacidade de ver, ouvir, sentir.

É com a sensação que podemos qualificar e determinar os objetos e os efeitos deles sobre nós; na sensação podemos ver, tocar, sentir, ouvir qualidades puras e diretas, como cores, odores, sabores, texturas.

A investigação dos aspectos que conduzem à interpretação dos carrinheiros, se deu utilizando o caminho da percepção, tentando detectar as sensações vinculadas ao elo afetivo do lugar, seus conflitos, suas dores, suas vergonhas, suas paixões, seu orgulho; e, como todos esses fatores extremamente sensíveis compõem o meio ambiente.

Segundo, CHAUI (2000, p. 120) “Cada sensação é independente das outras e cabe à percepção unificá-las e organizá-las numa síntese”. A relação da pessoa com o mundo exterior é a percepção do meio ambiente. O mundo percebido é qualitativo, com significados e as pessoas se relacionam a ele como seres ativos, dando sentido às coisas, às paisagens, percebidas em sentidos e novos valores, sempre interagindo com o mundo vivido.

A percepção envolve toda a história pessoal, a afetividade, os desejos, as paixões, sendo fundamental para constituir a história de vida, pois as coisas e os outros são percebidos de forma positiva ou negativa, como instrumentos ou como valores. A percepção envolve a vida social na medida em que ela é decorrente da sociedade, e no modo como as pessoas apreendem valores, funções e sentidos.

Segundo CHAUI (2000, p. 124-125),

“ (...) nas teorias empiristas, a percepção é a única fonte de conhecimento, estando na origem das idéias abstratas formuladas pelo pensamento; nas teorias racionalistas intelectuais, a percepção é considerada não muito confiável, pois frequentemente a imagem percebida não corresponde à realidade do objeto; na teoria fenomenológica, a percepção sempre se realiza por perfis ou perspectivas, isto é, nunca podemos perceber de uma só vez um objeto, pois somente percebemos algumas de suas faces de cada vez (...).”.

Mesmo identificando-se como o “feio” da “cidade modelo” os carrinheiros entrevistados, orgulham-se de fazer parte dela, mesmo sabendo-se marginais à sua sociedade, como assim relata Valdiva (44)

“É muito bom morar numa cidade tão bunita, a Vila da gente é feia, mas a gente vê muita coisa bunita catando papel”.

Seu elo afetivo com a cidade, com o seu lugar, mantêm a chama acesa de que “dias melhores virão”, pois sonham que, com seu trabalho de “formiguinhas”, a cidade venha a reconhecê-los e inserí-los na paisagem “ecológica”, tão divulgada, segundo relatos gravados em entrevistas. Eles reconhecem a

importância do seu trabalho dentro do contexto ecológico, mas não se sentem reconhecidos pela população em geral, como fundamentais para a manutenção do título trabalhado pela mídia de “Curitiba Cidade Ecológica”; assim, denunciam:

“Nós ajudamos a limpar a cidade e continuamos vivendo no meio do lixo”.

(Claudinei,22).

“Gostaria de poder ter outra oportunidade, ninguém reconhece nossa importância”.

(Adão, 23).

“Nosso trabalho ajuda a limpar a cidade e as pessoas nos vêem como marginais”.

(Marcos,15).

As palavras permitem múltiplas interpretações, a experiência vivida objetiva a interpretação dos sentimentos e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar. Os conceitos do “belo” e do “feio” apresentados pelos carrinheiros conduzem também à análise do meio ambiente, análise esta, do espaço vivido.

Não percebidas, essas “formiguinhas” formam uma única e grande família, segundo relatos de muitos. Têm a sua própria organização, seu espaço solidário, *“uns lavam as mãos dos outros”*, vivendo em verdadeiros “cortiços”, assim se diferindo da paisagem do “belo” trabalhada constantemente pela mídia. Não se sentem diretamente inseridos na cidade, se sentem sim, com espaço delimitado, definido. Como relatos acima citados, acham o seu trabalho de total importância, mas ao mesmo tempo, se vêem misturados com o lixo, e muitas vezes sentem -se como tal.

As imagens cotidianas apresentadas como “belas” ou “feias” estão relacionadas com o elo afetivo do lugar, e tratadas na interpretação de cada foto. A percepção do meio ambiente para estes indivíduos, pode ser identificada em colocações tais como:

“Nós, como as formigas, limpamos a cidade coletando papel, para sobreviver e trazemos este material para nossas casas, como acontece nos formigueiros”.

(Claudinei, 22).

“Nosso trabalho é ecológico, até as crianças sabem disso, só o povo bunito que não”.

(Clenair, 31).

“Moramos no meio do lixo, cheirando o esgoto do Rio” (Josué,28). “A gente vive cheio de duença, tudo aqui é sujo”.

(Maria, 41).

A paisagem de Curitiba mostrada pelos carrinheiros é permeada de emoções; os conceitos de “belo”, “feio” e “meio ambiente” se misturam em imagens projetadas e imagens vivenciadas.

O “belo” e o “feio” da cidade de Curitiba é o que aparece em descrições feitas após a observação das fotos. O “belo” para muitos, são os espaços organizados, espaços turísticos, espaços dos cartões postais, espaços por onde percorrem todos os dias, sem direito e nem tempo para usufruí-los. O “feio”, é o seu cotidiano, a sua vida, a sua casa , o seu espaço misturado com o lixo. Ao mesmo tempo, quando olharam para o que fotografaram, com os olhos lacrimejando, mostram com orgulho sua família, a felicidade estampada com as fotos nas mãos, um misto de deslumbramento e de tristeza, por ver os filhos, netos, vivendo da mesma forma, sem perspectivas de melhorias futuras, pois

“Minha família é linda, mas sem sonhos”.

(Valdiva,44).

“Me orgulho do meu trabalho, mas é muito triste ver os pequenos sofrendo nesta mesma vida”.

(Julio,33).

Com relatos tão sensíveis, a paisagem da Vila das Torres em Curitiba, vista por muitos moradores da cidade, onde o “feio” é o primeiro plano, onde esse “cortiço” choca muitos olhares, e os preconceitos se afloram, torna-se contraditório com o que é passado e apreendido; os valores estruturais familiares, para esses moradores, onde são vistos como o “feio”, são os mesmos. O espaço geográfico não interfere nestes sentimentos; o espaço vivido é o elo afetivo que interfere diretamente nos valores universais.

O “belo” aparece na interpretação das fotografias que retratam, em sua maioria, paisagens “fotográficas” de Curitiba, paisagens bastante divulgadas pela mídia, paisagens de uma cidade humanizada. O “feio” é mostrado com sentimentos de tristeza, revolta e angústia.

Influenciados também pela mídia, como qualquer morador de Curitiba, valorizam as paisagens dos cartões postais, se orgulham delas, e acham realmente que escolheram a melhor e mais bonita cidade para se viver. Quando descrevem a beleza da cidade, é como se contassem um filme, “*um sonho bonito*” segundo Daiane (13); mas o “belo” real, vivido cotidianamente, é a família, a união, a solidariedade, os amigos e vizinhos que dividem o mesmo espaço físico e afetivo.

A leitura da cidade, feita pelos carrinheiros da Vila das Torres, constata a percepção do seu mundo vivido, seu dia-a-dia, seu trabalho, seus sonhos, suas derrotas, sua família.

O “olhar” dessa comunidade para a cidade onde vivem é, antes de tudo, o “olhar” para si mesmo, é antes de tudo, o “olhar” para o que tem de mais belo, a coletividade, a organização, o cotidiano, o trabalho repetitivo de carregar e separar o lixo todos os dias e poder sonhar em “olhar” para um futuro mais “belo”. Assim, essas “formiguinhas” constroem e organizam seu espaço, o seu “belo”, paralelamente ao “feio”, dentro de uma cidade tão cheia de contradições. A estrutura arquitetônica planejada dentro de uma visão “humanista”, como afirmam os governantes, uma visão sim, idealista, porém longe de estar inserida no real proposto pela corrente humanista.

A imagem interpretada por estes carrinheiros pode também ser analisada na perspectiva do humanismo, opção deste trabalho, cujos marcos referenciais constituem o conteúdo do próximo capítulo.

Partindo-se do registro fotográfico e de suas interpretações questiona-se:

- Como o conhecimento científico pode auxiliar na compreensão da imagem construída pelos catadores de papel?
- Que contribuições a geografia pode trazer para a compreensão destas interpretações?
- Seria a corrente da Geografia Humanística apropriada para auxiliar na sua compreensão?

Capítulo II

**GEOGRAFIA, MEIO AMBIENTE E RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS:
Elementos para a educação ambiental.**

Para uma melhor compreensão da realidade apresentada no capítulo anterior busca-se, neste, um referencial teórico que possa contribuir com subsídios para sua análise. Desta forma, une-se o conhecimento empírico a um suporte científico.

II.1 - A geografia humanística e a concepção de espaço e lugar.

A Geografia Humanística é uma corrente do pensamento geográfico que, nas últimas décadas, tem mostrado, discutido e debatido a ligação afetiva do homem com o lugar, no nível abstrato e no concreto. Assim, a abordagem da experiência vivida tem se constituido num importante instrumento de investigação do espaço geográfico.

A Geografia Humanística propugna, pois, um aprendizado da Geografia a partir do mundo vivido, afastando-se e não utilizando informações abstratas e distantes. "A dinâmica do mundo vivido presente nos textos humanísticos demonstra que a Geografia está na alma do povo e - parafraseando Ives Lacoste - serve antes de mais nada para o dia-a-dia" (MELLO, 1990, p. 91).

Esta corrente defende uma maneira diferenciada, do que normalmente se faz, de se pesquisar o espaço e o lugar a partir de um estudo único, pois procura utilizar-se das realidades inerentes em cada ser humano; "procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar" (Tuan, in: MELLO, 1990, p. 92).

Ademais, a Geografia Humanistica centraliza no homem os seus estudos, de modo a compreendê-lo e interpretar seus sentimentos, e de que forma ele entende o espaço, sendo possível estudar como a simbologia e o significado dos lugares influenciam a organização espacial. Esta mudança de foco se contrapõe à prática até então utilizada na Geografia, que dissocia o homem do espaço, privilegiando e estudando este isoladamente, como se não fosse influenciado pela subjetividade humana.

O objetivo desta corrente é desenvolver seu estudo baseado na experiência vivida pelos homens e pelos grupos sociais (que se denomina mundo vivido). Assim, desprovido de preconceitos os geógrafos estudam os significados que os homens atribuem aos espaços e lugares, para compreender suas necessidades e alegrias e, só então, estabelecer uma ação que influenciará na construção de um espaço mais humano. A sua principal ferramenta de trabalho é a experiência vivida; corroborando este entendimento David Lowenthal (in: MELLO, 1990, p. 92) concebe que "cada ser humano é um geógrafo informal".

Nesta corrente destacam-se nomes como Yi-fu Tuan, Edward Relph, Annette Buttiner, e seus principais precursores foram Vidal de La Blache, Carl Sauer, William Whewell. O marco inicial desta corrente foi a publicação de um texto de David Lowenthal em 1961, apesar de que este não detalhou os fundamentos filosóficos e, portanto, para alguns os textos dos anos 70 seriam os iniciadores, conforme MELLO (1990).

Conforme HOLZER (1996), historicamente o termo humanística surgiu no texto "China", de Yi Fu Tuan publicado em 1967, e os estudos com a fenomenologia deram-se com Relph em 1970 e Tuan em 1971. Em 1974 foi lançado o ensaio "Values in Geography" de Annette Buttiner, que abordava os valores das experiências humanas na Geografia. O reconhecimento do termo ocorreu em 1976, quando Yi-fu Tuan publicou o ensaio "Humanistic Geography" nos "Annals of the Association of American Geographers" número 66.

Neste mesmo número são publicados outros artigos, de Entrikin e de Buttiner. Em 1974 é lançado o artigo "Alternativa Idealista em Geografia", nos Estados Unidos e no Canadá, sendo que o mesmo chegou no Brasil em 1977. Em 1978 David Ley e M. Samuels organizam a obra "Humanistic Geography: Prospects and Problems", uma coletânea de diversos ensaios. Desde então há uma grande produção no Hemisfério Norte.

A Geografia Humanística contrapõe-se ao positivismo, pois o positivismo dissocia o sujeito do objeto, é contra os estímulos-respostas da perspectiva comportamental.

"A corrente humanística é uma dessas tendências que, surgindo nos anos 70, procura interpretar a multiplicidade dos acontecimentos do mundo vivido,

trabalhando, para tanto, com os valores e sentimentos dos seres humanos, justo o oposto das perspectivas positivistas que não pretendem ou tampouco conseguem explicar o mundo vivido, com suas leis e teorias mecanicistas, acabadas e abstratas.

O movimento humanístico resgata o homem e o trata com todos os seus atributos, situando-o no centro de todas as coisas como produtor e produto de seu próprio mundo (Alvarez, 1982, p. 16, citando Ley e Samuels) e assim estuda o(s) mundo(s) habitado(s), logo experienciado(s) por homens e não um mundo hipotético." (MELLO, 1990, p.26).

A Geografia Humanística posiciona-se contra a sistematização do pensamento e a tendência de reduzir o mundo às leis, bem como contra as técnicas de laboratório, modelos, medidas, testes hipotéticos. Em lugar disto, procura tomar conhecimento da existência de cada homem em sua relação com o mundo. Propõe a reflexão e a interpretação do ambiente, reconhece e valoriza a riqueza do pensamento humano, já que entende que todo o conhecimento advém da experiência e não se pode separá-los.

Igualmente, coloca-se contra a Geografia da Percepção, no entender de Buttiner (in: MELLO, 1990, p. 94) "a percepção nem sempre coincide com a compreensão". Os fenomenólogos posicionam-se à favor do retorno da experiência direta das relações corpo-sujeito e o mundo, já que ambos se determinam, o corpo não pode ser separado do "mundo exterior". OLIVEIRA (1999) prefere adotar o termo percepção do meio ambiente e não Geografia da Percepção, a fim de não confundir-se com os positivistas, termo também adotado no presente trabalho.

Há uma oposição frontal dos geógrafos humanistas contra o behaviorismo. Estes não consideram os processos experienciais como emoções, alegando que são fenômenos imprecisos, sendo precisos e inerentes a cada um; além de estudarem o que a pessoa fez e não o que experiência. Para os behavioristas o corpo é uma coleção de respostas passivas que só reage quando estimulado.

Como os homens não são máquinas é preciso considerar seus valores e suas ambivalências e as trocas entre os homens e o pesquisador.

A Geografia Humanística possui seu suporte filosófico baseado na fenomenologia, no existencialismo e na hermenêutica, termos que podem ser entendidos segundo (MELLO, 1990, p.99-102); por Fenomenologia entende-se o estudo do fenômeno, tendo como seu criador o filósofo alemão Edmund Husserl, que entende que "o sentido do ser e do fenômeno não podem ser dissociados". A consciência só pode ser entendida quando dirigida para um objeto e a definição deste se dá mediante sua relação com a consciência. Há uma vinculação entre ambos. É uma filosofia da experiência e que, portanto, interpreta a apreensão das essências através da experiência vivida, aplicada e adquirida, não distinguindo entre objeto e sujeito. Com este embasamento os geógrafos humanistas incluem em seu trabalho os laços de vizinhança, o estoque de conhecimento e agradabilidade, os elos entre as pessoas e o meio ambiente (topofilia), a desagradabilidade e pavor deste elo (topofobia), a fixação dos espaços e lugares e as experiências cotidianas.

Baseado no estudo do mundo vivido o geógrafo pode compreender como nasce a magia dos lugares, as particularidades de cada local, o encantamento, o esnobismo, o desprezo, etc.;

Há uma grande proximidade entre o existencialismo e a fenomenologia. Enquanto esta coloca a essência em primeiro plano, para o existencialismo o ser vem antes da existência; "O homem faz a si mesmo" (Johnston, in: MELLO, 1990, p. 100). Não há o estabelecimento de leis empíricas de um método universal. Há um entendimento do símbolo particular que conduz ao entendimento do símbolo coletivo.

Na perspectiva do idealismo; o mundo somente pode ser compreendido através das idéias, que advém da experiência do mundo. É contrária à descrição do mundo baseada em leis e teorias prontas; o filósofo idealista está capacitado para explicar as ações humanas de maneira crítica sem o uso de teorias. Compreende o pensamento sobre a paisagem cultural através da existência humana.

O precursor da hermenêutica foi o alemão Wilhem Dilthey. Esta filosofia baseia-se na experiência vivida e, a partir desta, é preciso ter um quadro de referência para se entender algo. Não se separa o sujeito do objeto e a

explicação busca os conteúdos da mente, como emoções, sentimentos e diversos aspectos da experiência vivida. Tuan (in: MELLO, 1990, p. 101) ressalta esta perspectiva ao afirmar que o geógrafo deve "esclarecer o significado dos conceitos, símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar".

Sobre os termos, espaço e lugar, os geógrafos humanistas estabelecem uma grande diferenciação. Para estes espaço é qualquer parte da superfície terrestre, é ampla, desconhecida, temida ou rejeitada, e lugar advém de uma experiência afetiva, vem da experiência e, de acordo com Tuan (in: MELLO, 1990, p. 102), é um "mundo ordenado e com significado". A paisagem é também utilizada na geografia Humanística, principalmente a paisagem vivida, que é aquela em que o homem relaciona-se com o meio ambiente. Há um contato direto e o homem pode perceber a paisagem que o circunda, esta acaba transformando suas percepções individuais e influenciando sua avaliação do meio ambiente.

Portanto, o lugar está contido no espaço, que está distante da afetividade (física ou intelectual). Para os geógrafos humanistas o lugar é o lar, que compreende a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação; é um ponto de referência e identidade. Ao contrário, para o capitalista o espaço é uma mercadoria que lhe possibilita auferir lucro, seja pela apropriação, controle, troca ou ganho.

A Geografia Cultural, descendente da humanística, através de Friedrich Ratzel, "atribuiu um lugar importante aos fatos de cultura (...) analisada sob os aspectos materiais como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em relação com o espaço" (CLAVAL, 1999, p. 21). Aperfeiçoada para Otto Schlüter como "a marca (morfologia da paisagem cultural e compreensão da sua gênese) que os homens impõe a paisagem constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas" (CLAVAL, 1999, p. 24).

A Geografia Humanística não adota o marxismo por considerar que sua análise baseia-se na estrutura de classes da sociedade e que esta se projeta no indivíduo, formando uma falsa consciência neste, que é baseada na ideologia da classe dominante. Assim, o homem é um ser passivo da estrutura econômica, que é movido pelos processos históricos.

Tun (in: MELLO, 1990, p. 104) expressa esta diferença dizendo:

"As pessoas em suas relações com o meio ambiente combinam amor e ódio, atração e repulsão. O espaço é aberto, livre, amplo, vulnerável e provoca medo, ansiedade, desprezo, sendo desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Já o lugar é fechado, íntimo, humanizado. Assim, a ternura, a empatia e a permanência interferem, muitas vezes, (...) ocorrendo a cristalização das paisagens humanizadas."

É possível ocorrer situações em que o lugar passa a ser espaço por motivo de dor ou vergonha. É possível também que alguém se apaixone por um lugar na primeira vez que nele vivencie a música, cinema, a relatos, a imaginação. Para que seja considerado lugar, o local não necessita estar investido de afetividade, é suficiente que possua uma significação, mesmo que seja por uma única vez.

O entendimento de que sujeito e lugar são inseparáveis é corroborado pela população através de expressões como "este é o *meu lugar*" e "*o que eu amo faz parte de mim*". Mesmo sem conhecimentos científicos e técnicos os homens sentem sua relação com o lugar e expressam-na, portanto não há como os geógrafos e estudiosos, de áreas diversas, colocarem-se contrários à realidade e nem tão pouco, ignorarem este fato.

II.2 - O enfoque ambiental da geografia humanística.

A Geografia é um ramo científico que se encontra preparado para estudar as temáticas ambientais, porque estuda as paisagens. O ambiente faz parte das análises geográficas e, junto com este, o conhecimento da natureza vem inserido na estrutura curricular dos cursos de Geografia.

Estudiosos como Ritter, Pasarge e Vidal de La Blache quando trataram das questões sociais enfatizaram, grandemente, a natureza na construção do espaço geográfico. Estes geógrafos auxiliaram na construção do termo "ambientalista".

A inclusão do meio ambiente no contexto da Geografia justifica-se porque os problemas ambientais acontecem em determinado espaço e numa sociedade.

"A universalidade da crise ambiental indica a universalidade de nossas transgressões", com esta colocação Schumacher (in: SUERTEGARAY e SCHÄFFER, 1988, p. 93) expõe a problemática do meio ambiente. Assim, comprehende-se que os processos de degradação, oriundos das transformações humanas, impostas em determinados espaços, geram consequências sociais que afetam diferentemente as várias classes sociais.

Para SUERTEGARAY & SCHÄFFER (1988) um estudo mais abrangente acerca do meio ambiente inserido na seara da Geografia, deve levar em consideração as decisões e questões políticas envolvidas, bem como, a participação coletiva na sociedade, como prática da cidadania.

A Geografia, através de seu trabalho educacional, permite auxiliar na reflexão sobre as questões ambientais que afetam a sociedade, proporcionando que a coletividade tome decisões mais conscientes e embasadas.

"A defesa do patrimônio natural pressupõe o interesse de uma coletividade, ou parte dela, com sua manutenção. É na esfera de ação local, da participação da comunidade, que se consolida um esquema de preservação" (SUERTEGARAY e SCHÄFFER, 1988, p. 96).

Ao analisar alguns conceitos sobre a formação das cidades, sente-se a necessidade de buscar caminhos que permitam a compreensão de que a prática social se modifica ao longo do tempo, sob diferentes determinações sociais. Ter consciência do mundo que se vive e que os males que sofremos ou provocamos são produtos da relação com a natureza. Pode-se por em discussão a problemática fundamental proposta neste trabalho, que vem de encontro com os questionamentos levantados partindo de uma visão individual para uma visão totalizante - Homem-Meio-Sociedade.

Ao fixar-se em um determinado lugar, o homem realiza atividades imprescindíveis para sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que procura identificar-se com esses lugares onde seus desejos, gostos e expectativas serão satisfeitas. Os laços afetivos que unem as pessoas a determinados lugares vêm, nas últimas décadas, despertando o interesse de pesquisadores que buscam entender o mundo dos homens, através de estudos das relações sociedade/natureza, que se manifestam por meio de experiências vividas.

Cada pessoa constrói seu próprio mundo, dividindo à sua maneira e atribuindo a cada uma de suas partes valores diferenciados, conforme seus sentimentos, suas afeições. Esse “mundo vivido” de cada um é, segundo RELPH (1979:3), “aquele mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo. É um mundo em acentuado contraste com o universo da ciência, com seus padrões e relações cuidadosamente observados e ordenados...”

A Geografia Humanística tem proporcionado condições, então, para que se verifique e avalie a percepção dos indivíduos em relação ao seu meio, bem como seus valores e atitudes frente a determinados episódios que acontecem em seu dia-a-dia. Assim, a interpretação do dinamismo da experiência vivida deve, também, ser percebida e compreendida. “A abordagem humanista se apóia nas filosofias dos significados – tais como a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica – procurando compreender, por intermédio da experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, o que é o mundo vivido” (MELLO, 1990, p.92).

É evidente que a abordagem humanística apresenta um excelente suporte teórico - metodológico para quem procura um entendimento a respeito do homem como produtor e (re)produtor da paisagem, uma vez que resgata o ser humano e o coloca no centro de tudo, como aquele que constrói, remodela e que é produto de seu próprio meio.

Nesse sentido, entender como se dá a relação homem/meio ambiente implica refletir sobre a significação do termo meio ambiente, que conforme OLIVEIRA (1983, p.16) “é tudo que rodeia o homem, quer como indivíduo, quer como grupo, tanto o natural como o construído englobando o ecológico, o urbano, o rural, o social e mesmo o psicológico”. É a partir dessa concepção, que se busca um entendimento sensível do “olhar” dos carrinheiros para a cidade de Curitiba.

Para identificar o elo afetivo existente entre os carrinheiros com o seu lugar e sua paisagem, o valor sentimental atribuído a estes, sua visão espacial, foi necessário ter como ponto de partida a Percepção do Meio Ambiente;

segundo XAVIER (1991, p.67), “a percepção (...) é também uma das alternativas recentes para os estudos da interação do homem com o meio ambiente. Fundamenta-se na percepção do espaço uma vez que este oferece dimensões dos fatos geográficos, da distribuição das atividades humanas e do arranjo espacial do meio ambiente”. Os estudos perceptivos têm procurado analisar, “a percepção ambiental, a percepção de lugares, a percepção de componentes espaciais, enfim, o comportamento espacial de indivíduos ou grupos sociais” (AMORIM FILHO, 1996, p.13).

Por propiciar meios para avaliar a percepção dos catadores de papel, destacando quais são seus valores e atitudes diante de situações cotidianas, a abordagem perceptiva oferece suporte adequado para esta pesquisa, pois é através da percepção que também se pode estudar as relações indivíduo/natureza, que envolvem sentimentos e idéias sobre espaço vivido. A abordagem perceptiva tem um papel decisivo, uma vez que a Percepção Ambiental proeminente avalia como o homem percebe o seu meio; é através dessa que o lado afetivo pôde ser abordado. A abordagem humanística fundamenta-se na interpretação da experiência humana e, contrastando com as demais, utiliza “como ferramentas de trabalho a experiência vivida. Em seus esforços para interpretar como o homem se apropria e atua espacialmente” (MELLO, 1990, p.92).

O homem, ao desenvolver suas atividades, quer sejam econômicas, sociais e/ou culturais, cria estreitos laços com o meio que o rodeia, laços esses que vão além da necessidade de sua sobrevivência. Os espaços vividos pelo homem são reflexos de seus sentidos e de sua mente e é nesses espaços que ele consegue satisfazer seus anseios, gostos e preferências.

As pessoas identificam as paisagens como lugares dotados de sentimentos e significados. A afetividade pela paisagem vivida é denotada com sentimentos, “O meio é, portanto, não só o fornecedor de recursos necessários à sobrevivência, mas também é o lugar, a paisagem e o espaço onde nossas necessidades vitais são atendidas, além de ser dotado de um profundo sentimento, sentimento esse próprio e único da espécie humana” (SANTOS, 1996, p.11).

Dessa forma, os estudos referentes a lugares, espaços e paisagens devem considerar a “troca constante de apego e afetividade e a vivência das pessoas que deles fazem parte. Portanto, considerando as situações vividas, experienciadas, dotadas de valores que ultrapassam a moeda econômica, pois são valores ligados aos sentimentos e satisfações pessoais” (SANTOS, 1998, p.11).

Espaço, paisagem e lugar são categorias geográficas que na abordagem perceptiva são enriquecidas com significados que lhes são atribuídos pela experiência e, por isso, são conceitos estreitamente ligados. Tuan afirma que o homem necessita de um lugar para sentir-se protegido e ter confiança para desenvolver suas ações. Mas, ao mesmo tempo, na condição de seres humanos, também têm-se a necessidade do espaço, que representa a idéia de liberdade, o desconhecido. Assim, Tuan reitera que “os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade” (TUAN,1983, p.61). RELPH (1979, p.16) sintetiza claramente o significado dessas categorias numa abordagem fenomenológica, afirma que “lugares contêm paisagem, e paisagem e espaços contêm lugares”.

No atual momento histórico em que a crise ambiental põe em destaque contradições da produção social do espaço, o ideário do desenvolvimento é predominante, segundo RODRIGUES (1998, p.57), “considera-se o “meio ambiente”, o ambiente, a natureza, como um bem comum. Mas o “bem-comum” está na verdade apropriado em parcelas sobre a forma de mercadorias ou de territórios de Estados-Nação. (...) A idéia de bem comum pode ocultar as contradições e os conflitos de classes e de países?”.

Utilizando as bases humanísticas, é imprescindível enfocar os aspectos culturais e sociais que vêm questionar o processo do desenvolvimento do mundo vivido pelos catadores de papel justificando a relação com o meio ambiente. Segundo RODRIGUES (1998:13) , “... a questão ambiental, (re) coloca em destaque contradições da produção social do espaço e das formas de apropriação da natureza. Formas de apropriação tanto reais - as formas

concretas pelas quais a natureza é transformada -, como simbólicas -, o pensamento sobre estas apropriações e transformações.”

Interpretando o mundo vivido pelos catadores de papel, analisamos o “olhar” destes para a cidade de Curitiba, cidade cuja imagem é muito bem explorada pela mídia, e sua relação com o “belo”, através do desenvolvimento do citymarketing (SANCHEZ, 1999; MENDONÇA, 2001a).

II.3 - O problema dos resíduos sólidos urbanos.

A sociedade atual é marcada pelo consumismo sem limites e sem maiores preocupações com a degradação do meio ambiente, seja pela retirada cada vez maior de matérias-primas, seja pelos resíduos sólidos que se acumulam em rios, depósitos, etc.

O desenvolvimento atual é a alavanca que tem criado mais e novas mercadorias. Para compreender o sistema atual faz-se necessário estudar o ciclo produtivo em toda a sua complexidade; este engloba a exploração da matéria-prima, os produtos e os resíduos (industriais e domésticos), que tem tomado status de matéria-prima por serem reaproveitados devido a reciclagem.

A separação, o tratamento e o destino dos resíduos sólidos é um problema urbano que tem levado à reflexão e análise do processo produtivo e do consumismo. Segundo RODRIGUES (1998, p. 132) não se deve levar em conta apenas o consumo, que é o final do processo e, sim, corroborando o ensinamento de Sauer (in: RODRIGUES, 1998, p. 133), que a produção se caracteriza pela extração: “No deberíamos admitir que buena parte de lo que llamamos 'producción' es de hecho 'extracción?'”.

As toneladas de resíduos são o resultado da produção, contudo os discursos não falam sobre o processo produtivo, o circuito da mercadoria e, tão pouco, sobre a destruição da natureza. Tudo em nome do progresso.

“Se observarmos o que ocorre com os ‘resíduos’ diretos ou indiretos da produção responderemos afirmativamente à indagação de Carl Sauer. Cada vez mais o ‘resultado da produção’ aparece nos amontoados

de resíduos que circularam desde a extração da matéria-prima até o "destino final". Os discursos, porém, ocultam o processo produtivo, o circuito das mercadorias e evidentemente a dilapidação da natureza. Como já dito, considera-se a produção 'prometéica' – que produz o desenvolvimento, o progresso.

Camuflam-se, assim, responsabilidades sobre a dilapidação da natureza e sobre um dos problemas decorrentes dessa dilapidação: os resíduos. Desse modo a natureza e o espaço ficam ocultados e espera-se que com o tempo tudo poderá ser resolvido. A sacralização da ciência e da técnica promoveram, no período moderno, a ocultação da importância do espaço, que precisa ser recuperada para se compreenderem as reais relações da sociedade com a natureza" (RODRIGUES, 1998, p.133).

O debate sobre o desenvolvimento sustentável não tem estudado a relação espaço/território, com exceção de alguns exemplos. Ocorre que não se tem apontado onde as metas serão realizadas, há muita utopia e falta uma precisão maior por parte de alguns estudos. O cidadão comum parece não ter muita compreensão das consequências da produção e da extração contínua e desenfreada, parece não captar a profundidade da problemática do meio ambiente.

A crise ambiental está batendo à porta de cada um, os resíduos sólidos estão cada vez mais "resistentes", ou seja, degradam-se cada vez mais lentamente em contato com a natureza, e o número de indivíduos aumenta mais e mais. Unindo-se os dois elementos há uma bomba que poderá explodir em pouco tempo: muitas pessoas, produzindo muitos resíduos sólidos que ficam no meio ambiente por muito tempo, portanto há uma diminuição do espaço para colocá-los e para os seres humanos viverem.

Normalmente os problemas ambientais são colocados como distantes; dizem respeito ao governo, às empresas de coleta, aos estudiosos; é um problema "dos outros". Ocorre que esta visão tem mudado, as pessoas estão começando a dar-se conta que este problema não está distante mas, sim, está muito próximo; o lixo faz parte do cotidiano vivido.

Toda a sociedade, independentemente da classe social convive com o lixo, faz parte do concreto vivido de cada um.

“Esta convivência com o lixo pode estar relacionada com as sobras ou restos do seu consumo, aqui não importa a quantidade ou qualidade; pode também estar relacionada ao fato de que alguns vivem da coleta destes restos, ou convivem, no local de moradia, com o lixo gerado pelos habitantes da cidade como um todo. Os resíduos sólidos incorporam-se, assim, no cotidiano de todos os cidadãos. Quais serão os significados e significantes que carregam? Captar essas significações constitui um desafio para compreender a problemática ambiental.” (RODRIGUES, 1988, p. 137).

No contexto atual o lixo é mercadoria e possui um valor de troca; ele não é mais visto como resto. Para a maioria dos urbanitas é uma mercadoria descartável, sem se preocupar com o valor de troca; ao passo que para outros o valor de troca é um meio de sobrevivência.

As indústrias tem a possibilidade de reutilizar ou reciclar parte dos materiais, auxiliando na preservação da natureza e contribuindo com o ciclo produtivo.

A reutilização e a reciclagem são formas de conter o desperdício de materiais e fontes de energia contidos no lixo acumulado ou queimado em incineradores. O lixo é uma mercadoria que opera como fator de degradação do lugar onde é acumulado mas é, também, um fator de economia mediante a reutilização e a reciclagem. Desta forma, características como volume, durabilidade e toxicidade dos materiais descartados configuram-se como problema na medida em que deve-se encontrar um lugar para depositá-lo e, ao mesmo tempo, mostra o desperdício de minerais, fontes de energia, etc.

O lixo que não interessa ao consumidor é recolhido, transportado e depositado pela prefeitura municipal, no caso da cidade de Curitiba e Região Metropolitana utiliza-se o Aterro Sanitário da Cachimba. Os proprietários de imóveis contribuem com os custos da coleta e deposição do lixo através de uma taxa incluída no IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Para as empresas que coletam o lixo esta taxa é uma fonte de lucros, recebem por tonelada de lixo

coletado. Já para a prefeitura municipal é uma fonte de despesas, inobstante ter-se tornado uma mercadoria.

Para as diversas empresas que realizam a reciclagem dos resíduos, a possibilidade de compra do lixo, como mercadoria, tem diminuído os custos com a produção. Contudo, como os produtos não tiveram seus preços reduzidos conclui-se que os lucros destas empresas aumentaram; demonstrando que o eixo-mercadoria é mais um bom negócio.

Muitas vezes o lixo é abordado como encerrando todo o problema mas, em verdade, é a expressão mais visível das conseqüências do consumismo desenfreado. As pessoas, em geral, não compreenderam que o lixo é o resultado dos processos produtivos, de como a sociedade tem utilizado a natureza. As transformações tecnológicas tem contribuído para alterar a durabilidade, a toxicidade e o volume do lixo produzido, comprometendo cada dia mais a vida humana, pois a dificuldade em encontrar locais para depositar tais resíduos tem aumentado. E a responsabilidade tem sido incutida apenas ao consumidor final.

E assim os “resíduos perigosos” (como o lixo hospitalar, por exemplo) também se tornaram “mercadorias”. Mercadorias que alguns “pagam” para se verem livres e outros “cobram” para livrar os outros e com isso têm lucros. Para esta mercadoria ser destruída também se constróem novas máquinas – os incineradores. Quando se atua na destruição de resíduos tóxicos produzem-se novos gases tóxicos. Trata, enfim, antes de mais nada, de uma atuação nos resultados da produção. Atua-se no resultado da produção, produzindo-se ainda novos “produtos” indesejáveis.

“O sistema atual de coleta e destinamento final dos resíduos sólidos urbanos encontra-se em franco esgotamento de suas capacidades e a prefeitura local (Curitiba) e a região Metropolitana ainda vivenciam enorme conflitos para o equacionamento do problema”. (MENDONÇA, 2001a).

Uma questão social interessante é observar-se que o lixo é “isolado” da “vista” e das áreas nobres, uma vez que desvaloriza a paisagem; há uma “segregação de lugar” para se depositar todos os tipos de resíduos

(RODRIGUES, 1998, p. 154). Os aspectos sociais e psicológicos envolvidos demonstram que as pessoas não querem ver nem conviver com o lixo que geraram. E este deve ficar afastado daqueles que possuem educação, cultura, etc., mas pode dividir espaço com os pobres e menos favorecidos. Ou seja, as áreas não nobres, que tem baixo preço de mercado podem conviver com o lixo e/ou com depósitos e seus problemas; já as áreas nobres mandam para longe de si tais inconveniências.

Assim, os indivíduos mais humildes e desprovidos de maiores possibilidades de inserção social acabam vivendo com a renda do lixo. São os catadores de papel, catadores ambulantes ou carrinheiros.

II.4 - Os “catadores de lixo”.

Catadores de lixo, catadores de papel, catadores ambulantes ou carrinheiros são designações de um mesmo segmento social, relacionados à atividade de coleta individual de resíduos sólidos urbanos; segundo OBLADEM et al (1992): “São trabalhadores autônomos, cooperativados ou empregados de depósito que compram ou recolhem materiais reciclados, transportando-os com veículos, ou carrinho-de-mão”.

De acordo com DAROLT et al (1996) - “O carrinheiro é o agente que se caracteriza como ponta inicial do processo, sendo responsável pela coleta, transporte, seleção e classificação inicial do lixo.”

A tarefa destes trabalhadores consiste em passar de porta em porta, de rua em rua para selecionar e recolher (algumas vezes comprando) papéis, papelões, latínhas, plásticos, vidros, etc. Para revendê-los à depósitos particulares ou cooperativas, até chegar aos grandes centros apanistas¹ e indústrias recicadoras.

Definidos como catadores ou carrinheiros, estes indivíduos passam o dia empurrando um carrinho-de-mão pelas ruas das cidades, de médio a grande porte, “garimpando” com as próprias mãos nas lixeiras, lixões e em qualquer

¹ Denominação atribuída ao intermediário “atravessador”.

lugar à procura de material (resíduos sólidos urbanos) que tenha aceitação comercial nos depósitos de sucatas.

A coleta feita pelos catadores ambulantes carrinheiros é uma das maiores aliadas da reciclagem, pois após a separação dos materiais na fonte, eles são coletados e encaminhados para o beneficiamento nos depósitos. Este sistema facilita a reciclagem porque os materiais estarão mais limpos e consequentemente com maior potencial de reaproveitamento do que aquele separado nos lixões, ou usinas de processamento, após terem sido misturados com o lixo comum e contaminados, perdendo muito seu valor comercial.

“O “lixo” é considerado um dos grandes problemas das sociedades contemporâneas, o agravamento da problemática ambiental, relacionado à ausência de espaços para o depósito de lixo e a durabilidade dos materiais da sociedade do descartável, acabou incorporando-o às preocupações cotidianas”. (...) “O lixo tornou-se uma “mercadoria”. Era “resto” de um valor de uso e adquiriu um “novo” valor de troca. Mercadoria sui generis, pois é descartável para uns, que não se preocupam com o valor de troca (os moradores em geral), ao passo que para outros o valor de troca é um atributo”. (RODRIGUES, 1998: 138-139).

Para garantir o reaproveitamento dos resíduos, são estabelecidas novas relações entre consumidores finais e produtores, assim como entre os distribuidores e consumidores; de acordo com Demajorovic (1995), apud DAROLT et al (1996), “a reciclagem realizada em etapas diferentes do processo produtivo significa o crescimento mais lento do consumo de recursos naturais e do volume de resíduos a serem dispostos, devido ao reaproveitamento de uma parcela dos resíduos que, na fase anterior, teria como destino aterros sanitários e incineradores. Contudo, tal gestão limitada ao estímulo apenas da recuperação e reciclagem dos resíduos demonstra haver vantagens atribuídas à reciclagem de materiais, tais como menor consumo de energia e redução do volume de resíduos que devem ser relativizadas, uma vez que o processo de reciclagem, além de produzir, necessita de matérias-primas e energia consideráveis.”

Os carrinheiros estão diretamente inseridos às políticas públicas, justificando que estas têm influência sobre eles, as mais diversas possíveis, segundo Medina (1996, in: DAROLT et al, 1996), “podem ser agrupadas em 4 tipos diferentes: o primeiro, se baseia na visão de uma forte repressão; o segundo tipo de política é chamada de negligência; o terceiro é a conspiração; e o quarto tipo que é a estimulação”. Estas políticas são baseadas nas percepções que as respectivas sociedades possuem das atividades relacionadas com o lixo e de seus executores. Em muitos casos estas atividades são consideradas como tarefas desumanas, símbolo de atraso e fonte de embaraço para a cidade.

Enquanto estes trabalhadores informais, têm papel de suma importância, contribuindo para a reciclagem do lixo, baseando nas afirmações de Gilhuis (1988, in: DAROLT et al, 1996), “a indústria de reciclagem possui um papel muito importante na destinação dos resíduos sólidos urbanos, fazendo com que haja uma redução bastante acentuada nos aterros sanitários e na utilização de reservas naturais de matéria-prima. Esta indústria atua em um setor onde os preços sofrem flutuações maiores do que o ciclo normal.” Isto faz com que esta indústria dependa muito do trabalho dos catadores de lixo que garantem a provisão de matéria-prima com força de trabalho barata e abundante sem exercer influência quanto ao preço da mercadoria. Por outro lado, apesar da informalidade do trabalho dos catadores, este tipo de atividade não existiria sem o modo de produção capitalista proporcionado pela indústria e pelos consumidores capitalistas.

II.5 - A percepção ambiental.

O fenômeno perceptivo não pode ser estudado como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida cotidiana das pessoas. A percepção deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre os objetos, pois, as atividades não se apresentam como simples justaposições, mas como um encadeamento, em que umas estão ligadas às outras.

É preciso lembrar que o espaço é o problema básico de toda percepção. Na verdade percebemos um mundo cujas variáveis fundamentais são espacial e

temporal, isto é, um mundo que tem extensão e duração. Este mundo, em que vivemos, está em continua mudança e tomamos consciência dessas transformações através de receptores sensoriais. O conhecimento do mundo físico é tanto perceptivo como representativo.

Pode-se afirmar, então, que a percepção é justamente uma interpretação com fim de nos restituir a realidade objetiva, através da atribuição de significado aos objetos percebidos. Portanto, quando nos preocupamos com a percepção espacial é preciso não confundir o ver com o perceber.

A busca de entender como os indivíduos percebem seu ambiente tem conduzido muitos estudos a pesquisarem no campo da percepção visual e sua representação. É a abertura de um espaço de ação, reflexão e discussão. Estudos das imagens e das percepções pessoais de lugares, dos valores, das motivações e preferências espaciais, das visões de mundo, das reações em relação aos riscos naturais, de paisagens belas ou feias.

O estudo da paisagem está presente desde a antiguidade na descrição dos lugares e também durante as grandes navegações, quando, enriqueciam o relato das terras desconhecidas.

A percepção se faz presente em toda e qualquer atividade humana, na qual nos envolvemos diariamente e que inclui nossas experiências passadas e nossas expectativas para o futuro, portanto, é o homem quem percebe e vivênciaria paisagem, atribuindo a ela significados diferentes - o mundo vivido.

A ação de percepção de uma paisagem vem acompanhada da cognição, levando o indivíduo a sair de sua passividade e adotar uma atitude através dos diversos sentidos.

A percepção de uma paisagem não é mais, e apenas, uma condição estática ou contemplativa mas é, agora, dinâmica dentro do quadro social que produz e sobre o qual se usufrui.

No ato de aprendizagem, via paisagem, esta opera como ente modificador ou preparatório de transformações. É possível mudar a paisagem a partir do reconhecimento desta. O fato de determinados fenômenos despertarem o interesse ao mesmo tempo, também age sobre o observador; portanto, a

paisagem não é um ser inerte, cada local que é vivenciado possui certas características que estimulam o seu conhecimento (KOHLSDORF, 1998, p. 27).

O contato entre lugar e pessoa possui uma ação reciprocamente transformadora; após o contato ambos sofrem alterações, o meio ambiente altera o indivíduo através da emoção e pela compreensão racional utilizada, além de moverem os processos cognitivos como moto contínuo da existência de cada um. Já a presença do indivíduo modifica o lugar por torná-lo social, útil e poder transformá-lo fisicamente.

A percepção é, pois, o meio pelo qual as informações acerca do(s) lugar(es) é(são) recebida(s); sendo a forma mais livre de reconhecê-lo(s), uma vez o nível cognitivo é comum e inerente a totalidade dos indivíduos. Na seqüência, a percepção é o ponto inicial para a formação da imagem mental, como ponto favorável possui a possibilidade da sucessão das várias experiências e sua submissão à memória de cada um. Este mecanismo permite uma identificação mais fácil do local.

A paisagem é considerada por muitos estudiosos ligada exclusivamente ao fenômeno da percepção. Assim, o termo "paisagem percebida" seria pleonástico. Contudo, para uma outra corrente este termo aproxima-se de "lugar", admitindo inúmeras aproximações cognitivas, sendo possível falar-se, inclusive, em planejamento deste.

No entendimento de Oliveira (in: KOHLSDORF, 1998, p. 30) a atividade da percepção é uma ação básica do conhecimento, já que é a primeira a ser formada nas estruturas da inteligência: repete-se a cada novo processo de aprendizagem; acontece durante toda a vida do indivíduo e, está presente em todas as modalidades de conhecimento.

Aprofundando o termo, percepção significa "a ação da inteligência globalmente sobre sensações colhidas por nossos órgãos dos sentidos, e reúne todos os aparelhos sensoriais dos indivíduos em um processo integrado. Portanto, a rigor não existe "percepção visual" nem "percepção auditiva", mas apenas maior relevância de um ou outro sistema, conforme o objeto de observação" de Piaget (in: KOHLSDORF, 1998, p. 30).

O mecanismo de percepção possibilita que os lugares sejam apreendidos através:

- do movimento dos indivíduos: a formação e as características do aparelho visual de cada ser humano influenciam e, até mesmo, limitam à captura das formas em geral;
- da seleção das informações: a percepção seleciona as informações, destacando-se o nível adequado de estímulo visual; sendo que este depende das condições pessoais e ambientais e da qualidade e quantidade de informações em cada forma física. Assim, quando o indivíduo se desloca não capta todas as cenas possíveis do trajeto mas, somente aquelas com determinado grau de estímulo;
- da transformação das características morfológicas captadas: como outras modalidades de conhecimento a percepção modifica as informações disponibilizadas pelos lugares. Os resultados obtidos variam conforme as particularidades da memória do observador e que é estruturada segundo sua socialização.

Estas são as características da percepção da paisagem e através delas é possível constituir a identidade do lugar; é possível julgar-se a intensidade dessa identidade. Ademais, estas características possibilitam construir a técnica de análise seqüencial (qualitativas e estatísticas) dos atributos universais segundo os quais o espaço apresenta-se.

A relação do homem moderno com a natureza tem sido baseada na exploração e na degradação. Correntes modernas conscientizadas e sensibilizadas com esta situação tem se preocupado com a necessidade de educar o homem para relacionar-se adequadamente com a natureza e despertá-lo para a necessidade de comprometer-se com o meio ambiente e com a paisagem.

Tal relação deve estar pautada pela moralidade e pela ética que deve transcender o próprio homem, alcançando a natureza *latu sensu*: animais,

vegetais, rochas, o ar, a água, as paisagens, etc. A ética do meio ambiente não começa e não termina com e no homem, o transcende e envolve diversas disciplinas, exigindo a competência profissional de inúmeros indivíduos que estejam engajados política, filosófica e cientificamente com esta causa.

Para que estas idéias passem a existir é preciso que as prioridades sejam alteradas. Há que sair do individualismo, pois há uma interdependência dentro da natureza e, portanto, deveria haver o mesmo entre o homem e a natureza. Nesta só há espaço para a cooperação íntima entre os diversos reinos: animal, vegetal e mineral.

Neste novo milênio que ora se inicia há que se propor soluções e, principalmente, unificar os interesses econômicos, sociais e morais a fim de preservar, restaurar, conservar, usar e gerenciar adequadamente o meio ambiente.

Segundo OLIVEIRA (1998, p. 54-55):

"Convém lembrar que o espaço onde vivemos, nos movimentamos, nós envelhecemos acontece em uma história e em uma geografia. É um espaço heterogêneo, pois não habitamos no vazio, mas com cores de nuances de luzes e sombras, e muitas vezes de penumbra. Nossa espaço, todavia, é composto de espaços reais e irreais. (...) Todos estudiosos concordam que o espaço é fundamental para a vida, juntamente com o tempo. Embora sempre foi dada mais atenção à categoria tempo, em detrimento à do espaço. Em outras palavras sempre se preocupou mais com a História do que com a Geografia. (...) Ora essa busca do tempo geográfico perdido neste fim de século e de milênio é uma tentativa de recuperar o tempo desperdiçado em discussões ideológicas estéreis e inúteis. (...)".

Uma característica deste terceiro milênio é a rapidez e a efemeridade das modas, dos produtos, das técnicas, dos processos de trabalho, das idéias e das ideologias. Atualmente a substituição de tudo e todos é feita rapidamente, tudo deve ser instantâneo, descartável e na instabilidade (dos empregos, dos casamentos, das religiões, etc.).

Também, no estágio avançado da modernidade (pós-modernidade), há um estado de réplica muito próximo da perfeição, onde a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser distinguida. Ademais, há a presença do computador e da comunicação por satélite que levam as informações a todo lugar quase ao mesmo tempo.

Verifica-se uma crise em relação ao espaço e ao tempo, o que leva a uma necessidade de mudanças na maneira de pensar, de sentir, de conhecer, de filosofar e, também, de educar (OLIVEIRA, 1998, p. 56).

O estudo e a educação da paisagem englobam tanto os elementos físico, químico, biológico, humano, cultural, urbano, rural e, principalmente, os aspectos cognitivos, perceptivos, éticos e estéticos. Atualmente está-se resgatando estes valores no campo da Geografia destacando-se a cognição, o conhecimento da paisagem e, mesmo, dirigida para a ação em relação à paisagem.

Esta posição de vanguarda no ensino da paisagem, e da própria Geografia, que incorpora aspectos humanísticos, ainda são uma minoria entre os professores desta área. Vê-se muita assimilação por repetição e por memorização. Contudo, a mudança na didática do ensino da Geografia e, principalmente, da própria paisagem tornará o homem mais sensível e dotado de sentido moral em sua relação com o meio ambiente.

Uma das maneiras de conhecimento da paisagem é através da realização de trilhas e sua respectiva interpretação. Tal atividade proporciona o contato com a realidade paisagística que traduz-se através das percepções e interpretações, influenciam as transformações de atitude e de conduta relacionadas ao meio ambiente.

Para conhecer este universo paisagístico lança-se mão da experiência, da percepção e da interpretação, que possibilitam estabelecer uma hierarquia e uma estruturação da paisagem enquanto mundo vivido.

Segundo Tuan (in: LIMA, 1998, p. 39) a exploração da paisagem como espaço leva ao sentido de lugar. Para conhecê-las faz-se uso das sensações, informações, narrativas, evocações, usos e significados. Uma experiência ambiental direta, profunda e intensa envolve o conhecimento e o reconhecimento

da paisagem, através de aprendizados, descobertas, aventuras, lições de vida e reflexões. Há imersão e integração no meio ambiente.

O início de uma experiência destas dá-se de muitas maneiras mas, sempre revela um quê inédito e inesperado, devido a dinâmica que o envolve.

"O prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade. Pode ser um pouco mais do que a aceitação de uma convenção social. (...)"

"A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradouro quando está mesclada com lembrança de incidentes humano. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica. O despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece como uma revelação repentina. Este despertar não depende muito de opiniões alheias e também em grande parte independe do caráter do meio ambiente. As cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam desapercebidos e este novo insight na realidade é, às vezes, experienciado como beleza. (TUAN, 1980, p. 110).

As trilhas podem ocorrer junto às paisagens naturais e às construídas, sendo um meio de conscientização, sensibilização e de desenvolvimento de atitudes e condutas, tendo como ponto de partida seus valores ecológico, científico, cultural, histórico, entre outros.

A integração alcançada entre homem-paisagem que ocorre durante uma trilha interpretativa transcende os objetivos imediatos, oriundos de informações ou de experiências técnicas. A trilha proporciona encantamento e deslumbramento, pode ser uma lição de sabedoria, pode-se descobrir e reconhecer novos aspectos e novos detalhes. Podem ocorrer revelações relacionadas com as paisagens internas de cada um, seja pela interpretação topofílica ou topofóbica na visão de Tuan (in: LIMA, 1998, p. 40) e/ou pela interpretação de imagens e cenários, sentimentos e emoções.

As trilhas possuem a virtude de levar a uma tomada de conscientização, por parte dos indivíduos, do que é essencial para a preservação da Terra e dos homens. Despertam-se novas concepções emanadas da percepção e da vivência.

A aproximação do homem com a natureza, através da vivência proporcionada pelas trilhas, leva-o a capacitar-se para realizar novas leituras paisagísticas; contudo, somente podem ser consideradas como práticas de Educação Ambiental se puderem ser valoradas como educativas e vivenciais e desde que sejam vinculadas à uma visão holística e transdisciplinar. Desta forma a trilha paisagística terá logrado modificar e sensibilizar o homem de modo a despertá-lo para as responsabilidades - direitos e deveres - que cada qual possui para com o planeta.

Questões ambientais (poluição, consumismo da natureza, degradação do ser humano, fome, miséria, etc.) são vistas no senso comum, e ampliadas pelos meios de comunicação em massa como questões pontuais, isoladas, retiradas da totalidade social que as engendra e da qual fazem parte

As condições de vida na sociedade planetária atingiram um tal nível de degradação e fragmentação, inclusive quanto aos valores éticos da sobrevivência que a educação ambiental impõe-se como uma necessidade moral.

A degradação e fragmentação econômica e também a cultura de massas e consumo, manifesta em uma marcante tecnificação social do trabalho que distingue as funções econômicas das culturais, separa as atividades em espaços próprios nas grandes cidades.

Segundo, RELGOTA (1994, p. 21) "O meio ambiente definido como um lugar determinado e/ou percebido onde estão as relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade".

Ressaltada a importância estética, histórica e ecológica concernentes aos lugares, a educação ambiental vem ao encontro da percepção ambiental, em busca da sensibilização para transformação dos espaços, melhorando a qualidade de vida dos indivíduos inseridos nos mesmos.

Sendo o lixo fonte de renda para a indústria, governo e catadores, pergunta-se:

- Por quê os trabalhadores do lixo estão concentrados na Vila das Torres em Curitiba?
- Seria o citymarketing o responsável pelo crescimento populacional de Curitiba?
- Qual a relação dos catadores de papel com a “cidade modelo”?
- Como a cidade atende às suas expectativas?

Capítulo III**CONDIÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS DOS CARRINHEIROS
EM CURITIBA/PR.**

Já na década de 1970 os carrinheiros da cidade de Curitiba concentravam-se na Vila Pinto, hoje denominada de Vila das Torres, por ser uma área de ocupação irregular e estar localizada nas proximidades do centro da cidade. Eles recolhiam sacos de lixo nas ruas e traziam para suas casas, separando os resíduos sólidos para comercializar. Moravam em barracos nas proximidades do rio Belém (Foto n. 25), em péssimas condições de higiene, a maioria com problemas de saúde (respiratórios e doenças de pele) segundo o Programa Ação contra a Dengue, em parceria com o Instituto Pró-Cidadania de Curitiba - Prefeitura Municipal.

Na década de 1990 o número de carinheiros aumentou consideravelmente. Aumento este, caracterizado pelos crescentes problemas sociais (desemprego, falta de moradia), além do incentivo decorrente de um pungente discurso midiático ofertando melhor qualidade de vida na “cidade de Primeiro Mundo”, a “capital ecológica”; oriundos, em sua maioria – cerca de 60% - de municípios do interior do estado do Paraná, de origem rural, segundo DAVANZO (2001, p. 187). Atualmente, “cerca de três mil catadores de lixo, sobrevivem desumanamente recolhendo lixo na porção mais central da cidade” (MENDONÇA, 2001a).

Este capítulo trata de questões relacionadas ao processo de urbanização das cidades modernas, situando o caso de Curitiba, além da imagem oficial difundida desta cidade e a realidade social dos catadores de papel da Vila das Torres.



OCUPAÇÕES IRREGULARES

LEGENDA

- ASSENTAMENTO SEM REGULARIZAÇÃO
 - ASSENTAMENTO EM REGULARIZAÇÃO
 - LOTEAMENTO CLANDESTINO SEM REGULARIZAÇÃO
 - LOTEAMENTO CLANDESTINO EM REGULARIZAÇÃO
 - RUA NÃO OFICIAL
 - RUA EMPLACADA (PORT. Nº 148/99)

FONTE: IPPUC - 1999 / 2000
COHAB - CT

FOTO 25
VISTA AÉREA DA VILA DAS TORRES NO MUNICÍPIO DE CURITIBA/PR



FOTO: IPPUC (nov./1999), Escala 1:8.000. In: DAVANZO (2001).

III.1 A urbanização e a percepção da cidade moderna: breve introdução.

A urbanização é possivelmente o fenômeno de maior importância ocorrido nas sociedades modernas. O crescimento das cidades como decorrência do extraordinário processo de urbanização atingiu em nossos dias grandes dimensões. Mas a urbanização não é apenas um fenômeno de crescimento de cidades. Significa uma nova forma de vida para a humanidade. São novas relações sociais, novos comportamentos e limitando uma existência ligada à natureza. Trata-se de um espaço artificial, histórico, um espaço humano por excelência, construído totalmente pelas mãos dos homens.

"Os países desenvolvidos formam hoje o bloco dos países mais urbanizados do mundo. No princípio do século XX, somente onze cidades tinham mais de um milhão de habitantes. Destas, dez se localizavam nos países desenvolvidos (à exceção de Calcutá, na Índia). Atualmente, a maioria desses países já ultrapassou 80% de população urbana". (RYBCZYN SKY, 1996, p. 53).

O conjunto de países em estágio de desenvolvimento completo e subdesenvolvidos também tem mostrado altos índices de crescimento de cidades. O fenômeno é mais recente, de tal modo mais rápido que acabou resultando, dentre outros, em cidades com impressionantes contrastes sociais e espaciais, alternando áreas com muitos equipamentos urbanos e de muita opulência econômica com áreas de extrema miséria, desassistidas de quase todos os serviços públicos.

Essa intensa urbanização, com crescimento de cidades, resulta das novas formas de participação dos países em estágio de desenvolvimento completo e subdesenvolvidos no quadro de uma economia mundializada, ou seja, na integração econômica de todo o planeta.

As elevadas taxas de crescimento vegetativo das populações e o tamanho dos fluxos migratórios fizeram da metropolização da América-Latina um fenômeno sem precedentes no mundo. As metrópoles latino-americanas concentram muitos problemas de funcionamento, de administração pública, de qualidade de vida e de sobrevivência econômica.

Essas metrópoles apresentam no seu estado interno, conforme MOURA e ULTRAMARI (1994), grande diversificação e muitos contrastes. As diferenças entre riqueza e pobreza são brutais. A distribuição dos equipamentos urbanos é muito desigual e injusta. Convivem áreas superequipadas e modernas com áreas absolutamente carentes de qualquer serviço público. As densidades populacionais também são variáveis. Há bairros verticalizados com muita concentração populacional e outros escassamente ocupados.

Quanto às formas de seu crescimento, praticamente não são cumpridos os planos orientadores. As metrópoles espalham-se de modo determinado pela especulação imobiliária. Há muitos espaços ocupados em situação de ilegalidade jurídica - são os bairros de loteamentos clandestinos.

Incluindo metrópoles brasileiras, os centros antigos deterioram-se, como contraponto às novas áreas da cidade. Neste, subsistem contingentes de populações pobres ou marginalizadas social e culturalmente. Tornam-se redutos de minorias discriminadas.

Os mesmos elementos de segregação espacial que estão presentes em muitas cidades do Primeiro Mundo também se encontram nas metrópoles do Terceiro Mundo. A crise urbana se manifesta nestas metrópoles: violência, criminalidade, tráfego intenso, elevada poluição ambiental e, consequentemente, o problema do lixo.

Paradoxalmente, esses problemas sócio-urbanos acabam se apresentando como uma frente de negócios muito lucrativa da economia urbana. Amenizações a esse estado de coisas transformam-se em bens de consumo. É o caso do lixo, citado por RODRIGUES (1988, p. 137)

“Esta convivência com o lixo pode ser relacionada com as sobras ou restos do seu consumo, aqui não importa a quantidade ou qualidade; pode também estar relacionada ao fato de que alguns vivem da coleta destes restos, ou convivem, no local de moradia, com o lixo gerado pelos habitantes da cidade como um todo. Os resíduos sólidos incorporam-se assim, no cotidiano de todos os cidadãos.”

A vida econômica nas aglomerações brasileiras apresenta características peculiares. A modernização, que produziu o processo de metropolização, introduziu atividades seletivas, com índice elevado de tecnologia que não existem absorção de mão-de-obra. Desenvolveu-se ao lado deste setor um conjunto enorme de atividades de menor porte econômico, que não dependem de avanços tecnológicos e oferecem um grande número de empregos ou ocupações. SANTOS (1979) chamou esse fenômeno de circuito inferior da economia urbana. Pessoas sem trabalho regular ou sem vínculos empregatícios, desprotegidas da legislação trabalhista e marginalizadas economicamente. Muitas vezes elas são também marginalizadas no espaço urbano.

Segundo SÁNCHEZ GARCIA (1999, p. 14),

“O discurso oficial que acompanha as novas políticas destaca, com ênfase, a vontade de envolver os cidadãos nos projetos de renovação urbana. De fato, criaram, para a maioria da população, um sentimento de orgulho e de pertencimento à cidade, mas esse sentimento gera, mais do que uma participação ativa, uma participação contemplativa da nova cidade. Com efeito pensamos que a assistência ao espetáculo cria uma ilusão de participação. O chamado patriotismo da cidade é o objetivo dessa engenharia do consenso que, entretanto, produz nos cidadãos, como consequência política, um sentimento ufanista e autocentrado, que dificulta a emergência de pontos de vista não consensuados”.

RYBCZYNSKY (1996), escreve sobre aspectos culturais, históricos e técnicos de habitação, arquitetura e urbanismo, e analisa a evolução das principais metrópoles dos Estados Unidos e do Canadá relacionando o ser humano com seus espaços urbanos. Destaca as principais inovações tecnológicas e a mudança das expectativas da população moldadas pelo estilo de vida e pela paisagem natural.

A imagem guardada na memória individual se choca com a nova paisagem com que se depara. As mudanças são percebidas tanto na aparência visual da cidade, quanto no estilo de vida de seus habitantes.

A diferença histórica, política e econômica é evidente entre o Velho e o Novo Mundo. As diferenças de planejamento urbano das cidades citadas

evidencia diretamente o estilo de vida de seus habitantes, apesar da modernidade, da força do comércio e do modismo, a marca da história urbana está inserida nas cidades.

O autor refere-se aos conceitos do urbanista americano Kevin Lynch, que acredita que sempre existiram formas diferentes de pensar as cidades e que todas elas poderiam ser descritas a partir de um entre três modelos conceituais de construção. Ele chama o primeiro modelo de “cósmico” para cidades cujos traçados representavam simbolicamente rituais e crenças; o segundo modelo de Lynch é o da cidade “prática”, isto é, da cidade imaginada como espécie de máquina, especificamente uma máquina de comércio. Tais cidades são funcionais e crescem conforme suas necessidades materiais, à medida que novas partes são acrescentadas e velhas são alteradas; o terceiro tipo de modelo urbano é o que Lynch chamava de “orgânico”. De acordo com o nome a “cidade é considerada como um corpo: formando um todo, equilibrada, indivisível”.

Lynch descreve três modelos urbanos históricos, ao passo que RYBCZYN SKY (1996) sugere um quarto: “a cidade do automóvel”, que reflete a mudança que afetou as cidades no início do século XX.

O historiador francês, Fernand Braudel, citado por RYBCZYN SKY (1996), identificou três estágios distintos no começo das cidades européias: “a cidade aberta, a cidade fechada e a cidade dominada”. “Uma cidade é sempre uma cidade, onde quer que esteja, no tempo ou no espaço”.

Citando estes conceitos, conclui-se que não importa o tamanho, segundo RYBCZYN SKY (1996), “as cidades são feitas pelo homem, e por causa disso podemos sentir a continuidade de idéias que existiram ao serem feitas”; é preciso examinar nosso próprio passado urbano para entendê-las.

A complexidade das relações sociais com a natureza geraram problemas “sócio-ambientais” que se intensificam de forma tal que o homem moderno busca, muitas vezes de forma “obsessiva” um ambiente saudável. (...) As áreas que ainda apresentam boa cobertura de vegetação natural, rios e ar limpos são consideradas ecologicamente saudáveis e são altamente disputadas (...); em se tratando de Curitiba, “utilizados como estratégia para o desenvolvimento do citymarketing ou da promoção urbana” (MENDONÇA, 2001a).

A cidade é o espaço do homem. É o espaço construído pelo ser humano para atender e facilitar suas necessidades básicas, como: alimentação, moradia, saúde, educação, lazer. Cada habitante da cidade, porém, possui dela uma imagem mais forte, mais marcante e tanto mais significativa quanto mais fortes forem os vínculos afetivos que tiver com o lugar, com o conjunto de recordações - boas ou más - que lhe seja atribuído. A cidade é o lar de cada indivíduo. As atitudes, valores e percepções para com ela seguirão comportamentos inatos, apreendidos nas próprias vivências ou, ainda, através de relatos da experiência alheia. Mas é com nossas próprias aprendizagens e através de nossos próprios sentidos que iremos formar o mais fiel “retrato” de nossa cidade, pois é nela que existimos, participamos de atividades sociais, produtivas, culturais; em verdade coexistimos com ela, fazemos parte, somos sujeitos de sua história e não meros observadores.

Pode-se então, inclinar a imaginar que, sendo a visão o sentido predominante no homem, segundo TUAN (1980) “possa haver tantas imagens quantos forem os sujeitos pesquisados, afinal, a percepção é individual e não coletiva”. Todavia, ao analisar grupos distintos de sujeitos, é possível que encontre visões de mundo semelhantes e que possa obter uma vigorosa imagem - símbolo da cidade.

Aquilo que se vê, vê-se em relação a um contexto em que está situado. Há um relacionamento; segundo COLLOT (1990), “cada objeto é percebido e interpretado em função de seu contexto, de seu horizonte”. Percebe-se o espaço, a paisagem à nossa volta, não só com os olhos, mas com todo o corpo, usando todos os sentidos, incluídos aí os elementos conscientes e inconscientes que permitem gostar ou não do que se vê, atribuir-lhe padrões de beleza ou feiúra e significados próprios ao conjunto contemplado.

III.2 - A cidade de Curitiba e sua(s) imagem(s) oficial(is).

Curitiba está carregada da história de toda sua gente, dos costumes e dos seus aspectos peculiares. Seu povo é resultado da miscigenação de inúmeras raças e seu sítio inicial fruto da cobiça do ouro. Na segunda metade do século

XX, o desenfreado aumento migratório, proporcionou uma grande concentração populacional na periferia e uma tendência a verticalização do centro. Isto acarretou a necessidade de medidas urgentes na área do planejamento urbano, que viabilizasse habitações, transportes e demais serviços básicos (SAMEK, 1996).

Assim, seguiu-se uma série de planos de reorientação ao desenvolvimento e crescimento de todos os setores vitais da cidade, como o Plano Diretor, cujas linhas básicas perduram até hoje e fizeram Curitiba, através do citymarketing, uma cidade caracterizada com codnomes como "Cidade Modelo" ou "Cidade Ecológica".(SAMEK, 1996:15)

A cidade de Curitiba é hoje uma das capitais brasileiras mais conhecidas pelos seus projetos audaciosos e inovadores e, também em nível internacional possui grande prestígio e respeito. Um dos projetos mais conhecidos no exterior, e que já foi copiado por cidades americanas e japonesas, o transporte urbano, que possue um design moderno e diferenciado.

O plano diretor de Curitiba deu-se a partir de 1966 e possuía características mistas pois, mesclava uma abordagem modernista original e aspectos críticos a esse mesmo modernismo. Tal simbiose foi denominada de Urbanismo Humanista.

Os aspectos tradicionais ficaram por conta da especialização funcional dos espaços da cidade, com zonas predominantes ou exclusivamente residenciais, comerciais e industriais, ligadas por vias de circulação de alta velocidade.

O Modernismo possui características que levam à despersonalização e esvaziamento dos espaços públicos, para evitar que este comportamento se repetisse, em Curitiba, os urbanistas e planejadores incorporaram o conceito de revitalização dos espaços públicos tradicionais da cidade e, também, desenvolveram uma proposta de criação de novos pontos de encontro para os cidadãos.

Conjuntamente, investiu-se no transporte coletivo com vistas a que as pessoas utilizassem menos seus veículos. Na extensão dos eixos estruturais criaram-se vias exclusivas para o trânsito dos ônibus, com vistas a que trafegassem de maneira rápida e confortável.

Para viabilizar este posicionamento foi determinado que o controle de crescimento da cidade se faria através do sistema viário, os eixos estruturais. Ao longo destes seria realizado o crescimento da cidade, bem como seriam adequadamente supridos de transporte.

A cidade foi então dividida em um eixo norte-sul, um leste-oeste e um terceiro a sudeste, ao longo da Avenida Marechal Floriano. Desta forma o crescimento desordenado da cidade seria evitado e preservar-se-ia o centro da cidade. Corroborando este entendimento diversas ruas do centro foram interditadas para os veículos e transformadas em ruas exclusivas de pedestres. Na seqüência surgiu uma proposta de criação de um setor histórico da cidade, com o intuito de conservar os prédios mais antigos deste local, sendo os prédios tombados como patrimônio histórico da cidade (SAMEK, 1996).

O somatório destas decisões, posicionamentos e obras tinha como lema que a cidade deveria ser feita para o homem e não para os automóveis, pois se fossem construídas avenidas grandes para os automóveis isto levaria a uma desintegração dos espaços públicos e, o centro da cidade deveria ser um local reservado para o encontro das pessoas.

Para assegurar mais qualidade de vida à população foram implantados mais parques e aumentadas as áreas verdes da cidade, o que contribuiu, de certa forma, para a propagação da imagem de “cidade ecológica” em nível nacional, aumentando o índice de áreas verdes por número de habitantes. Os custos sociais de desapropriações de áreas nas várzeas dos rios, foi justificado por serem áreas impróprias para a construção, sujeitas a enchentes. ANDRADE (2001) todavia mostrou, com muito detalhamento, a incongruência entre a elevação do total de áreas verdes de Curitiba face ao considerável incremento populacional da cidade, ou seja, evidenciou que os cálculos dos índices de área verde por habitante foram várias vezes alterados ao longos das duas últimas décadas no sentido de sempre revelarem aumento dos mesmos.

Através de documentos cartográficos que identificam a distribuição dos parques urbanos de Curitiba, percebe-se que “a quase totalidade dos parques públicos, bem equipados para o lazer e a prática de esportes e de fácil acessibilidade aos cidadãos está concentrada na porção norte da cidade,

exatamente na área onde também se concentra a classe média e alta da sociedade curitibana (...)" (MENDONÇA, 2001a).

O conjunto destas medidas tinha por objetivo assegurar o caráter humano que se procurava imprimir à cidade.

Para possibilitar o desenvolvimento da cidade foi criada, na década de 70, a Cidade Industrial de Curitiba, com o objetivo de atrair investimentos industriais. Os diferenciais da cidade eram o sistema de transporte, comunicação e infra-estrutura urbana acrescido da concessão de subsídios. Hoje percebe-se nesta área o comprometimento da qualidade de ar, segundo MENDONÇA (2001a).

O prefeito Jaime Lerner, em sua segunda gestão (1988-1992), deu grande importância para a área cultural, "reciclou" diversos espaços tradicionais da cidade convertendo-as em salas de espetáculo, centros comunitários, etc., e construiu cinemas públicos. Estas obras de inspiração Humanista visavam posicionar o cidadão, de uma outra forma, em relação à cidade: desejavam mudar a mentalidade do indivíduo.

Expressões como "integração do homem à cidade", "fazer com que a cidade tivesse orgulho de sua cidade", "fazer uma cidade humana", entre outros, refletem os propósitos dos prefeitos da mesma tendência política a Jaime Lerner quando direcionaram suas gestões para obras que priorizavam a cultura e o lazer e a preservação do patrimônio histórico.

Tinham por objetivo atingir a memória e a cultura imigrante, de origem européia, sendo que os próprios políticos dirigentes deste período, também são descendentes desta mesma cultura, notadamente alemães, poloneses e italianos. Baseados nestes valores há um esforço de celebração destes valores étnicos, que por sua vez rendem lucros já que vincula a cidade como "européia" e de "primeiro mundo".

A parte essencial destas mudanças, criação da CIC, criação do setor histórico, parques e áreas verdes, ônibus expressos, etc., foram realizadas em uma única gestão, a primeira de Jaime Lerner. Este idealizou e executou diversas estratégias de intervenção no espaço urbano previstas no plano diretor da cidade e, assegurou que estas fossem irreversíveis. O seu sucessor Saul Raiz acabou por continuar e consolidar o que já vinha sendo realizado e, quando Jaime Lerner

retornou ao poder concluiu e ratificar o que havia plantado em sua primeira gestão.

Ao prefeito seguinte, que era da oposição à Jaime Lerner, procurou imprimir a sua marca e seu estilo administrativo à cidade, o então prefeito do PMDB conferiu a sua gestão uma série de políticas setoriais marcadas pelo apelo e caráter "social". Entre eles: a realização de um programa ambicioso de creches, mercados populares, recuperação de menores abandonados, etc. Esta foi a maneira que o prefeito e seu partido procuraram diferenciar de seus opositores partidários (OLIVEIRA, 2000).

Na terceira administração de Jaime Lerner o plano diretor já estava totalmente implantado, mas este já estava superado pelo crescimento da cidade e havia equívocos que só então puderam ser constatados. Assim, optou-se por uma mudança de enfoque: deixou-se em segundo plano os discursos e práticas ligadas ao planejamento urbanos, em contrapartida investiu-se em obras com caráter estético e uma política de meio ambiente.

O cenário internacional contribuiu para esta mudança, uma vez que começava-se a criticar a arquitetura e o urbanismo modernista e ressaltar a necessidade de substituí-lo por uma concepção pós-moderna. Esta nova concepção estava baseada na percepção da eficácia do uso da arquitetura pós-moderna objetivando a realização de espetáculos urbanos. Este seria um instrumento que diferenciaria a cidade na competição pela atração de investimentos entre as cidades.

Conforme OLIVEIRA (2000), dentro deste novo posicionamento a cidade de Curitiba foi invadida por inúmeras obras de rápida execução, possuindo um apelo para as novas tecnologias e sempre de grande impacto visual. Entre as obras mais expressivas estão: a Ópera de Arame, o Jardim Botânico, a "reforma" do Mercado Municipal, a Rua 24 Horas e, também, indiretamente, os ônibus da Linha Direta, o popular "Ligeirinho".

Assim, a cidade reatualizou seu estigma de estar na vanguarda urbanística, reforçou sua vocação turística e, principalmente, conferiu à administração pública uma imagem de eficiência e agilidade administrativa, e

atou como uma forma de marketing da cidade e de seus administradora, tanto a nível nacional como internacional.

A política ecológica desenvolvida também contribuiu enormemente com este cenário, notadamente o Programa de Reciclagem de Lixo e a troca de lixo reciclável por hortigranjeiros, vales-transportes, material escolar, etc. Com este projeto a prefeitura economizou os gastos com a coleta e separação do lixo e insuflou na população a sensação de estar participando de um grande e importante projeto.

Desde 1989 até o presente ano a mesma corrente política tem dominado a política na cidade de Curitiba, seguindo a mesma linha de trabalho: obras de grande impacto visual associadas a um marketing moderno e arrojado, afim de compor uma imagem de cidade-modelo (OLIVEIRA, 2000).

Entre as sínteses adotadas estão: "Curitiba – Cidade Modelo"; "Curitiba – Cidade Planejada"; "Curitiba – Capital Brasileira da Qualidade de Vida"; "Curitiba – Cidade Moderna e Humana"; "Curitiba – Capital Ecológica"; "Curitiba – Capital de 1º Mundo". De forma objetiva e direta pode-se apontar para uma bem sucedida união entre a comunicação, a cultura e a política urbana. O marketing moderno influenciou no processo de construção da possibilidade da imagem da cidade, podendo-se concluir que a imagem consagrada da cidade advém de um bem sucedido fenômeno de marketing.

Expressões como "inovação" e "ousadia" são utilizadas constantemente no discurso quando da referência a novos programas, projetos e intervenções (SÁNCHEZ GARCIA, 1999, p. 85). A criatividade dos urbanistas é exaltada à cada novo projeto implantado, à cada nova obra entregue à população, corroborando e fortalecendo o artifício mitificador, em torno da cidade e de seus dirigentes.

Segundo SÁNCHEZ GARCIA (1999, p. 85) as "idéias criativas" ao se tornarem "rotina na cidade" passam a fazer parte do imaginário dos curitibanos, o que fortalece a imagem-mito. De certa forma, os cidadãos aguardam ansiosos e com uma dose de curiosidade cada nova inovação anunciada.

Pode-se estabelecer uma analogia entre Curitiba e o capitalismo; na medida em que cada inovação apresentada corresponde ao lançamento de um

novo produto para o mercado consumidor (os cidadãos). Também a noção de qualidade de vida é "vendida" para os "cidadãos-consumidores" (Santos, in: SÁNCHEZ GARCÍA, 1999, p. 85).

Para fortalecer e corroborar a competência e eficiência dos urbanistas e da administração, quando o sistema de transporte Ligeirinho com suas estações-tubo foi implantada, experimentalmente, em Manhattan (New York, 1992) foram veiculadas mensagens destacando e ressaltando que, Curitiba, não era apenas uma cidade semelhante com as de primeiro mundo, mas, então, era o primeiro mundo que adotava as soluções da cidade. Implicitamente era fortalecido o orgulho de ser curitibano.

Entre 1991-1992 Curitiba foi concebida como a "cidade que deu certo", sendo referência para planejadores urbanos, ambientalistas e autoridades municipais que passaram a visitar a cidade para conhecer as "soluções" de alguns dos problemas urbanos (SÁNCHEZ GARCIA, 1999, p. 87).

A realização destas obras e, principalmente, da Rua 24 Horas, Ópera de Arame e Jardim Botânico, estão ligadas a valores culturais associáveis ao estilo de vida das camadas médias. No entender de SÁNCHEZ GARCIA (op cit) "As camadas médias querem espetáculos e bons serviços. Buscam a constante elevação do nível de vida pelo consumo acelerado de bens e serviços. Os cidadãos de classe média, no usufruto dos novos espaços, parecem encontrar-se a si mesmos (...)".

A modernização da cidade está voltada para satisfazer os anseios de consumo da classe média relacionando-o ao padrão de vida internacionais; para tanto utilizam-se imagens sintéticas de "cidade européia" e "cidade de 1º mundo". Os anseios atendidos não dizem respeito apenas aos aspectos culturais, mas, ligam-se a necessidade de modernização capitalista do espaço.

SÁNCHEZ GARCIA (1999, p. 92) ressalta que este fenômeno advém de uma associação entre a cultura dominante e senso comum e da opinião pública e massificação cultural. Há uma associação do processo de reconstrução de imagem com a necessidade de manutenção do mito urbano. As diferenças sociais são "esquecidas" não por acidente, por ser acessório ou insignificante, mas porque faz parte da ideologia dominante.

A exclusão social é camuflada na possibilidade de acesso, a estes locais, contribuindo para que as necessidades e carências das camadas mais pobres não possam ser ouvidas. Os processos de crítica não tem força para romper com a imagem dominante existente.

Tais empreendimentos estéticos, corroborados por um marketing poderoso e uma absorção acrítica das mensagens transmitidas, operam em detrimento dos setores mais pobres e humildes, uma vez que as necessidades básicas (saneamento, moradia, educação, saúde, etc.) são relegadas a um segundo plano; deixando-os ainda mais carentes e esquecidos.

Baseando-se nos posicionamentos e opções administrativas dos prefeitos da cidade percebe-se, claramente, uma falta de prioridade para as questões sociais, bem como para uma falta de amparo para a população mais carente. Enalteceram-se as raízes e tradições européias de uma pequena parcela da população em detrimento do restante, que são os pobres e "sem berço". Tal cenário remonta as situações da Idade Média em que os "nobres" é que possuíam mais valor do que os "plebeus". De certa forma, são situações com semelhanças, o discurso foi revisitado e remodelado às características da época atual.

A propaganda, porém, também estimula e influencia na formação da imagem que, segundo TUAN (1980), cria uma "imagem favorável". Assim, a ela atribui-se a forte imagem do planejamento urbano moderno.

Bailly, apud RYBCZINSKY (1996), explica que "quanto maior o tempo que se vive num determinado lugar, mais concreta e favorável é sua imagem". Curitiba tem a aprovação da maioria dos seus moradores, que , segundo eles, ainda guarda ranços de cidade pequena, mesmo constituindo-se grande metrópole, o que a torna melhor que outras cidades que perderam seus referenciais antigos. A memória urbana afetiva está presente na vida de cada cidadão curitibano, de diferentes gerações.

Linch, apud RYBCZINSKY (1996), concordaria com estas afirmativas, pois para o pioneiro em pesquisas de percepção do espaço urbano "o ambiente deve evocar imagens ricas e vividas que, contudo, sejam adaptáveis às novas necessidades e até novas poesias". Essa imagem confirma que realmente

percebemos o ambiente em seu conjunto e valorizamos os elementos essenciais à continuidade da vida e aos significados afetivos que os permitem.

O conhecimento da cidade, porém, jamais será completo, varia de acordo com cada um de nós, com nossos deslocamentos, atividades, vivências, sentimentos. É possível, todavia, como afirmava Linch, apud RYBCZINSKY (1996), “produzirem-se imagens coletivas do espaço urbano, tão vigorosas e significativas que possam indicar, com segurança, o que é prioritário, o que a destaca das demais, aquilo que a torna única e inconfundível.”

No caso de Curitiba, o “retrato” apresentado é aquele que sente-se, que está presente na memória, portanto, é este “retrato” que pretende-se interpretar na visão dos carrinheiros que compõem a paisagem cotidiana da cidade.

III.3 O sistema oficial de coleta de lixo em Curitiba.

A Prefeitura Municipal de Curitiba, através do Departamento de Limpeza Pública da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, possui diversos programas destinados a gerenciar a coleta e o depósito adequado dos diferentes tipos de lixo. Para tanto, na cidade existem os seguintes programas:

- Coleta de Resíduos Sólidos Domiciliares;
- Coleta de Resíduos Sólidos Recicláveis;
- Coleta de Resíduos Vegetais;
- Coleta de Resíduos de Serviço de Saúde;
- Programa Compra do Lixo;
- Programa Câmbio Verde;
- Varrição Manual;
- Varrição Mecânica;
- Limpeza de feiras-livres;
- Disposição final dos Resíduos;
- Resíduo Domiciliar – Aterro Sanitário da Cachimba;
- Resíduo Reciclável – Usina de Valorização de Rejeitos;
- Resíduo Vegetal – Parque Náutico Iguaçu;

- Resíduo de Serviço de Saúde – Vala Séptica/Incinação.

O programa símbolo, e pioneiro, de Curitiba, que lhe conferiu grande projeção nacional e internacional é o Programa "Lixo que não é Lixo", que foi implantado em 13 de outubro de 1989. Consiste na coleta seletiva de resíduos sólidos que podem ser reciclados e reinserido no sistema de produção como matéria prima secundária.

O programa incentiva a separação prévia do material orgânico do inorgânico e, em determinados dias há a coleta deste material que é realizado por caminhões da própria empresa de coleta. Na seqüência, estes resíduos recicláveis são pesados e enviados à Unidade de Valorização de Rejeitos (Usina de Reciclagem) ou para depósitos de reciclagem. Os funcionários treinados fazem a separação, pesagem, enfardamento e a estocagem do material, após são vendidos como insumo para as indústrias de transformação.

Segundo informações fornecidas pela Prefeitura as vantagens desta coleta seletiva são (CURITIBA, 2001):

- redução do volume diário de resíduos enviados a aterros sanitários ou lixões controlados, aumentando sua vida útil;
- gera menor poluição ambiental e agressão visual;
- poupa recursos com a destinação final;
- contribui com a limpeza urbana e saúde pública;
- gera trabalhos diretos e indiretos;
- contribui para a melhoria da qualidade de vida local e global;
- gera o aquecimento da economia local;
- poupa recursos naturais renováveis e não renováveis;
- gera recursos que podem ser empregados na área social;
- muda o comportamento em relação ao desperdício;
- fortalece uma nova mentalidade ambiental;
- reduz o consumo de energia pelas indústrias;
- reduz os custos de produção, devido ao reaproveitamento de recicláveis pelas indústrias de transformação;
- economiza na importação de matérias-primas e na exploração de recursos naturais renováveis e não renováveis.

Os benefícios com a economia da natureza são bastante significativos, pois para cada 1.000 Kg de alumínio reciclado, deixa-se de extrair 5.000 Kg de minério (bauxita); para se fazer 1 kg de vidro é preciso 1,3 Kg de matéria-prima (sílica, areia, feldspato, barrilha e outros) ou 1 kg de caco de vidro reciclado; para 60 Kg de papel reciclado evita-se que uma árvore seja cortada e, o plástico reciclado pode se transformar em novos produtos plásticos.

Um outro programa importante da cidade é a "Compra do Lixo" que foi implantado em 31 de janeiro de 1989, nos locais em que haviam graves problemas ambientais devido a falta de coleta de lixo.

A principal causa desta deficiência, era em função das áreas serem desurbanizadas e de difícil acesso aos caminhões da coleta por tratar-se de encostas de morros, fundos de vale e favelas com ruas muito estreitas. É uma forma de tentar realizar a coleta domiciliar nas áreas menos favorecidas da população.

O funcionamento é bastante simples. Uma equipe da Prefeitura, da área de educação ambiental, entra em contato com a comunidade a fim de organizá-la. Cria-se uma Associação de Moradores, a qual firma um convênio com a Prefeitura e torna-se responsável pela distribuição dos sacos plásticos e pelo controle do número de sacos depositados na caçamba por família participante do Programa.

A Prefeitura instala uma caçamba com capacidade de 7m³ e fornece à Associação, quinzenalmente, sacos de lixo com capacidade de 60 litros para o acondicionamento do lixo. Para cada saco de lixo contendo de 8 a 10 kg o morador recebe produtos hortigranjeiros da época, no início do programa recebia um vale-transporte e, em determinadas épocas pode receber material escolar.

Conforme CURITIBA (2001), a Associação de Moradores recebe 10% do valor pago por cada saco de lixo depositado na caçamba. Este dinheiro é depositado em conta corrente bancária em nome da Associação, a fim de que utilize o dinheiro em obras ou serviços que a comunidade necessita.

O programa apresenta os seguintes benefícios para os cidadãos:

- limpeza total de áreas a curto prazo, diminuindo a incidência de doenças causadas por vetores;

- nos locais onde havia depósitos de lixo a céu aberto, as comunidades podem utilizar este espaço para execução de hortas comunitárias;
- possibilita o manejo correto dos resíduos e seu devido acondicionamento, evitando a exposição do lixo, mesmo durante os intervalos de coleta;
- maior integração cidadão município na solução dos problemas da comunidade;
- auxílio no escoamento da safra dos hortigranjeiros produzidos na Região Metropolitana de Curitiba e litoral;
- cria na população o hábito de separar o lixo orgânico do inorgânico;
- melhora da alimentação das famílias mais carentes.

Atualmente, o programa Compra do Lixo atende 41 comunidades. Estão envolvidas neste programa a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, a Secretaria Municipal de Abastecimento, a Federação Paranaense das Associações dos Produtores Rurais – FEPAR e a Fundação de Associação Social – FAS. (CURITIBA, 2001).

Este programa é considerado base para a efetivação da idéia da “capital ecológica” mas “é ineficiente e um dos mais caros do país, pois não atende as demandas sociais e onera o poder público”(MENDONÇA, 2001).

III.4 - Aspectos sociais da Vila das Torres e dos “catadores de lixo” de Curitiba.

O grupo de catadores de papel aqui enfocado reside numa área de ocupação irregular conhecida pela maioria dos urbanitas por “Vila Pinto”, termo que ao ver dos moradores desta região, se tornou pejorativo e discriminatório; “*o nome Vila Pinto lembra marginais e não moram só esse pessoal por aqui, tem muita gente de bem*” (Claudinei, 22). Muitos terrenos estão em processo de regularização, segundo dados do IPPUC 2000 (in: DAVANZO, 2001 p.118), “cerca de 200 domicílios ainda continuam sem regularização”. Devido à este processo, oficializou-se a região como uma vila - “Vila das Torres”, por ter como via principal a Avenida das Torres.

A simples mudança terminológica, é motivo de orgulho para os moradores, já que nesta vila, não está somente a imagem de uma paisagem artificial construída por meio de ocupações irregulares, e também inserida nessa paisagem, encontra-se grandes construções de arquitetura moderna, como o Centro Integrado de Empresário e Trabalhadores do Paraná - FIEP/SESI/SENAI/CIEP/IEL; colégios particulares (Esperança e Medianeira), campus da PUC/PR. "Se a gente fala que mora na Vila Pinto, todo mundo fala que a gente é favelado, mas se moramos na Vial das Torres a coisa já muda de figura" (Sueli, 43).

A Vila das Torres ou Vila Pinto (mapa p.69), está localizada na área central da cidade de Curitiba, sendo uma das principais áreas de ocupação da cidade. Ainda hoje possui grande número de terrenos em situação irregular. A sua extensão é de, aproximadamente, 200 mil metros quadrados. Pertence aos bairros Prado Velho, Rebouças e Jardim Botânico.

No estudo de DAVANZO (2001), chega-se às seguintes colocações: a Vila encontra-se dividida em três partes e cada qual possui uma associação de moradores: a parte de cima, a parte de baixo e a Vila dos Ofícios.

Para o centro de saúde Capanema a Vila é dividida em duas partes, sendo cada uma ligada a um médico e a um agente comunitário.

Já para os adolescentes a Vila é dividida em duas partes,a de "cima" e a de "baixo" que influencia as amizades de uns e outros.

Contudo há diferenças visíveis entre os dois lados da Vila. Na parte de cima, área regularizada, encontram-se casas maiores, de melhor acabamento externo e com um ou mais pavimentos. Já na parte de baixo, área em processo de regularização, estão um número maior de casas de madeira pequenas e sem pintura.

Na parte de cima estão as famílias com melhor nível sócio-econômico, sendo que apresenta os maiores contrastes, há sobrados e casas muito humildes de madeira, sem forração ou assoalho e há também habitações coletivas, bastante precárias que são de infra-estrutura.

Segundo o IPPUC (2000), através de pesquisa realizada entre novembro de 1999 e abril de 2000, os terrenos localizados e, esta parte é conhecida por

"Vila das Torres". Já na parte de baixo encontram-se duzentos domicílios sem regularização, e é a parte mais pobre; é denominada de "Vila Pinto". Esta recebe menos atenção por parte da Prefeitura e concentra mais exclusão social. (DAVANZO, 2001, p. 123)

Segundo DAVANZO, "A Vila é constituída, na sua maioria, por imigrantes oriundos do interior do Paraná (de cidades como Wenceslau Braz, Campo Mourão, Ibaiti, entre outras) e pelos descendentes destes e, de cidades de Minas Gerais e de São Paulo. Alguns vieram diretamente para a Vila, tendo ou não parentes nela, outros chegaram primeiro na Região Metropolitana e, posteriormente, se instalaram na Vila."

As causas da mudança seriam, principalmente, a dificuldade de sobrevivência na zona rural, a falta de perspectiva do trabalho na agricultura e, a atração exercida pela cidade.

Devido à total falta de estrutura na Vila, em 1979 foi criada a primeira Associação de Moradores. Em 1981 houve uma cisão e passaram a existir duas associações de moradores: a Vila Pinto e a Nossa Senhora Aparecida. Em 1984 as lideranças locais conseguiram a unificação das associações sob o nome de Vila Pinto, sendo esta oficializada e registrada em cartório.

As entidades comunitárias tinham sua ação voltada para as reivindicações e carências dos moradores. Este foi o período de urbanização da Vila, as lutas e conquistas contaram com a participação em massa dos moradores, que estavam desejosos de aumentar os resultados favoráveis já alcançados e conquistar o que ainda faltava.

Atualmente existem, na Vila, três associações de moradores: uma que congrega os moradores da parte de cima do rio, uma que reúne os moradores da parte de baixo e, outra, da Vila dos Ofícios.

No trabalho de DAVANZO (2001, p. 138) há o relato de que a partir de 1996 iniciou-se uma nova etapa na história da Vila, pois neste ano iniciaram-se os processos de legalização da propriedade dos lotes, uma vez que estava assegurando-se a propriedade dos lotes e a consequente permanência, segurança e estabilidade de moradia aos proprietários.

Com o início da regularização dos lotes, outros problemas começaram a ser mais percebidos, entre eles: a violência, a exploração, o desemprego, o narcotráfico, a marginalização, a necessidade do resgate do trabalho comunitário e de projetos de educação, cultura e arte.

Nas mobilizações e movimentos comunitários houve uma intensa participação das mulheres, tal comportamento serviu de incentivo para que muitos homens viessem a participar e mobilizar-se. Durante um período existiu uma associação de pequenos depósitos e dos carrinheiros, mas que por volta de 1996 já não mais existia.

Atualmente, um dos problemas apontados pelos moradores, é a falta de vaga para as crianças nas creches que existem na Vila. A Vila conta com quatro creches, sendo a da Prefeitura a mais antiga e que oferece diversas atividades para as crianças: recreação, televisão, música, pintura, modelagem, recorte, colagem, estimulação e massagem. Há também acompanhamento odontológico.

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, em 1999 existiam cerca de 970 crianças na faixa etária para freqüentar a creche, contudo, a somatória de vagas ofertadas pelas quatro creches existentes é de, aproximadamente 250 vagas, e a fila de espera era de 200 crianças. Uma das características destas crianças é de que 80% vivem em uma família sem a presença do pai. Outro problema é o horário da creche, que atende até as 18h e, por isso, muitos carrinheiros levam as crianças consigo. O número reduzido de vagas e o horário de atendimento faz com que muitas crianças quando não levadas pelos pais para a coleta de resíduos sólidos, permaneçam nas ruas ou sozinhas em casa.

No que diz respeito às escolas, há duas: uma localizada no interior da Vila e outra fora dela, ambas pertencem ao Estado. Contudo, há diferenças bastante acentuadas entre elas. A escola interna é desorganizada, no recreio as crianças saem da escola para brincar na rua e qualquer um pode entrar na escola na hora do recreio. Já a escola externa possui portão, grade, portaria com um funcionário que controla a entrada e saída das pessoas e obriga os alunos a respeitar o horário de término das aulas para saírem. Os pais aprovam a rigidez da escola

encarando como ponto positivo, mas os alunos consideram-na muito rígida e outros louvam-na porque oferece segurança.

Há o de reforço escolar que é oferecido pela Prefeitura e pela Igreja Católica. O programa da Prefeitura é maior e se dá através do Projeto PIÁ e existe com o objetivo de retirar as crianças e adolescentes da rua, sendo que atende a faixa dos 6 aos 17 anos e predominantemente as crianças entre 6 e 9 anos. As atividades oferecidas são o acompanhamento de tarefas escolares e atividades de lazer, destacando-se futebol e capoeira. Já para os maiores são oferecidas oficinas de iniciação ao trabalho, como panificação e bordado. O Projeto é voltado para os moradores da Vila e é mantido pela Secretaria da Criança, que não cobra nenhuma taxa para disponibilizar o serviço. Nele, é oferecido almoço e lanche para as crianças, que podem freqüentar pela manhã ou tarde, em horário comercial, de segunda à sexta-feira.

O perfil das crianças que freqüentam o Projeto são de crianças carentes, filhos de catadores de papel. Moram nos depósitos e sua condição de higiene é muito precária.

Grande parte das ruas ficam parcialmente obstruída devido a presença de carrinhos e do armazenamento e seleção do material coletado. Como os lotes são pequenos a rua é utilizada e dividida entre o lixo, a realização de atividades domésticas (máquinas de costura, varais de roupa, etc.) e é utilizada como espaço de lazer.

Um problema, é o acúmulo de lixo, pois soma-se o que é coletado e o que é produzido pela própria Vila. Não obstante a realização de mutirões de limpeza a situação é precária. Os carrinheiros vivem uma contradição: ao mesmo tempo que auxiliam grandemente a coleta de lixo e o embelezamento da cidade, de outro convivem com a sujeira advinda do seu trabalho, sujando e enfeiando o local onde residem, como relatou Lucia, 16. As condições ambientais da Vila ainda são muito insatisfatórias.

A reciclagem do lixo é a atividade principal dos moradores da Vila das Torres. As informações aqui apresentadas estão baseadas no trabalho de DAVANZO (2001), que também estudou a Vila das Torres, contudo sobre um outro aspecto.

O processo do lixo reciclável envolve uma gama de trabalhadores do lixo, que também são denominados carrinheiros. Segundo informações do Departamento de Limpeza Pública entre os carrinheiros havia 18% de analfabetos; 14,5% eram menores de 18 anos e 11% não portavam nenhum documento.

No ano de 1996 existiam 1000 carrinheiros na cidade de Curitiba e a maioria pertencia a Vila das Torres. Já no ano de 2000 existiam, aproximadamente, 2,7 mil carrinheiros que trabalhavam para 141 pequenos depósitos.

Apesar dos preconceitos da sociedade em relação aos carrinheiros e ao trabalho que realizam, estes possuem uma enorme importância para toda a sociedade curitibana, uma vez que são os responsáveis pela coleta de 80% da coleta de materiais recicláveis (papel, plástico, papelão, vidro, latas de alumínio, entre outros materiais). Já a Prefeitura, através do Programa "Lixo que não é lixo" coleta os 20% restantes.

No perfil social dos carrinheiros há problemas com álcool, drogas, prostituição, criminalidade, problemas escolares, entre outros. Possuem dificuldades de alimentação, saúde, habitação, saneamento, são vítimas da violência e estão desempregados. Suas condições de vida são de ruins à péssimas.

No estudo de DAVANZO (2001, p. 48) relata-se, e o dia-a-dia mostra e corrobora, que os catadores de lixo são vistos como marginais: ladrões, alcoólatras, prostitutas ou traficantes. Devido à esta discriminação e a marginalidade em que vivem, muitos carrinheiros não mencionavam a sua atividade, alegando ser um serviço apenas temporário por causa do desemprego.

Há um sentimento dúvida de satisfação de uns e de vergonha e insatisfação de outros sobre seu trabalho. Alguns sentem-se orgulhosos por participarem da limpeza e do embelezamento da cidade, já outros sentem-se envergonhados por trabalharem com o lixo dos demais. Citam aspectos favoráveis e desfavoráveis de sua profissão e de sua condição de vida; em essência trabalham apenas para sobreviver, e sustentar a família. Como o dinheiro ganho não é suficiente, as

crianças e adolescentes acabam na mendicância para a complementar a renda familiar.

A jornada de trabalho é bastante longa e extenuante uma vez que são obrigados, pelos donos do depósito, a coletar cerca de 150 a 300 kg/dia de lixo reciclável, sob pena de terem que sair do depósito em 24 horas. Muitos trabalham a semana toda, incluindo sábados e domingos. Em troca, o dono do depósito fornece um quarto, água, luz e carrinho. Tal estado de exploração contribui para que as crianças sejam conduzidas ao trabalho infantil e à mendicância, junto com à prostituição e o consumo de drogas.

A rota do lixo reciclável obedece às seguintes etapas: após a coleta os carrinheiros realizam a primeira separação, em papel (branco, jornal e papelão ondulado), plástico, latas e vidros, normalmente nas ruas e calçadas. Depois levam o material até o depósito, que o divide, pesa e prensa sendo vendido para os aparistas (é o intermediário/atravessador que possui grandes depósitos). Aqui o papel é picotado e prensado em grandes fardos e encaminhado para as indústrias. Nas indústrias o papel vai para a linha de fabricação e é vendido em bobinas ou manufaturado e comercializado como produto final, vendido ao consumidor.

Nos estudos de DAVANZO (2001, p. 51), que contempla todos os valores pagos a cada um dos participantes deste ciclo do lixo reciclável, os catadores recebem o equivalente a 1,3% do preço final do produto (nas prateleiras das papelarias, por exemplo).

Os carrinheiros queixam-se que o Programa "Lixo que não é lixo" da Prefeitura Municipal de Curitiba, é mais valorizado do que o trabalho que eles realizam. Contudo, se levar-se em conta o volume de lixo coletado pelos carrinheiros, claramente conclui-se que eles são os principais protagonistas deste trabalho de coleta. Mesmo assim, possuem as dificuldades de sobrevivência e, consequentemente, de melhorarem suas condições de vida.

Eles desejam que seu trabalho (e contribuição para com a cidade) seja reconhecida, desejam o status e o poder disputado pelos intermediários e pela empresa de limpeza e coleta. Seu trabalho é importante na medida em que são o elo de fechamento do encadeamento de uma rede de materiais; pois, a

sociedade atual produz grande quantidade de embalagens e produtos descartáveis, que iriam parar nos lixões. Os carrinheiros recuperam este material e o introduzem dentro do fluxo produtivo, auxiliando na preservação do meio ambiente e proporcionando vantagens econômicas. Contribuem para a retro-alimentação de energia e de materiais no ciclo produtivo; assim como para a eficiência produtiva, auxiliando na redução da pressão sobre os recursos naturais e diminuem o impacto ambiental causado pelo lixo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES,
ou,
TENTATIVA DE ARTICULAÇÃO ENTRE O EMPÍRICO E O
TEÓRICO.**

Neste trabalho procurou-se inter-relacionar interpretações do “belo” e do “feio” nas paisagens urbanas de Curitiba com o mundo vivido pelos catadores de papel, em uma vila de Curitiba, basicamente composta por estes trabalhadores, tendo também sido enfocado aspectos relativos à questão ambiental.

O momento central dessa análise foi fundamentado na concepção sobre a sensação e a percepção, com base na pesquisa empírica feita diretamente com um grupo de catadores de papel, residentes na Vila das Torres.

Sabendo-se que a sensação e a percepção dependem do ambiente exterior, isto é, são causadas por estímulos externos que agem sobre os sentidos individuais, pôde-se constatar que a sensação conduziu à percepção e, através das interpretações de imagens cotidianas vistas sob o olhar dos catadores de papel, confirmou-se os conceitos individuais do belo e do feio.

Trabalhou-se estes conceitos com base em aportes empíricos e filosóficos relatados na primeira etapa deste trabalho, apresentando a imagem de Curitiba a partir de fotografias tiradas e interpretadas pelos catadores de papel. Constatou-se a postura dos mesmos diante de duas realidades distintas, a paisagem trabalhada pela mídia e a paisagem real do seu lugar, no mesmo espaço urbano, caracterizando “mundos” totalmente antagônicos.

Ainda nesta primeira etapa, pode-se perceber a ligação afetiva com o lugar, com a família, com o trabalho e a importância solidária enquanto grupo social, pertencentes ao mesmo espaço, aos mesmos anseios.

Demonstrando a inter-relação do indivíduo com o seu grupo, o primeiro capítulo apresenta que o simples contato com os ambientes nos altera, pela emoção, pela observação e pela percepção; esta ação recíproca entre lugares e pessoas, é uma ação transformadora, capaz de transformar valores sociais estabelecidos.

A tentativa de utilização de questionários não foi explorada neste trabalho pela observação que caracterizou a formalidade das respostas; mesmo de caráter qualitativo, com perguntas abertas, o enfoque dado às paisagens ficou direcionado aos aspectos sociais e econômicos vividos pelo grupo de catadores de papel. Uma nova estratégia de pesquisa fez-se necessária, com a utilização de fotografias, percebeu-se o enfoque afetivo que estas proporcionaram ao grupo e à pesquisadora, o que foi a motivação principal para o direcionamento do trabalho. As paisagens cotidianas, muitas vezes passam despercebidas, em imagens muito rápidas na nossa mente. As fotografias serviram como instrumentos principais para a percepção destas imagens. A leitura das fotografias feita pelo grupo de catadores de papel, mostrou todos os sentimentos, a representação destas paisagens no seu mundo vivido e a importância afetiva dessas imagens na sua vida individual e do grupo. A importância afetiva do seu lugar.

Esta etapa construída pela leitura do grupo, encontra eco na fundamentação teórica do capítulo seguinte, que resgata as concepções geográficas, demonstrando a face humanística dentro de um enfoque ambiental, onde trabalha-se com conceitos de espaço, lugar e paisagem, com o mundo vivido, investigando a significância afetiva de um dado lugar para uma pessoa ou um grupo de pessoas.

A Geografia Humanística proporcionou condições, então, para a verificação e avaliação da percepção dos indivíduos em relação ao seu meio, bem como seus valores e atitudes frente ao seu cotidiano, contradizendo valores

pré-estabelecidos socialmente. O “feio”, ou seja, a sua representação na paisagem está inserida na forma de vida da população que a ocupa, sendo assim, no ambiente habitado pelos carrinheiros, imagina-se um espaço marginal e promiscuo, destituído de qualquer um dos valores sociais. A interpretação do dinamismo da experiência vivida pode também ser percebida e compreendida, quando da interpretação das fotos tiradas por eles, o que vem justificar os sentimentos deste grupo em relação aos valores sociais comuns, como importância da família, do trabalho, do seu lugar.

A evidência da abordagem humanística apresenta um excelente suporte teórico-metodológico para quem procura um entendimento a respeito do homem como produtor e (re) produtor da paisagem, uma vez que resgata o ser humano e o coloca no centro de tudo, como aquele que constrói, remodela e que é produto de seu próprio meio. Assim, utilizando a percepção ambiental, propõe-se identificar o elo afetivo existente entre os carrinheiros com o seu lugar e sua paisagem; além de estabelecer relações indivíduo/natureza, envolvendo sentimentos e idéias sobre espaço vivido. A leitura do ambiente feita pelos carrinheiros é projetada pelas imagens trabalhadas pela mídia, mas os seus sentimentos em relação ao meio, são sentimentos de exclusão.

Esta abordagem humanística fundamenta-se na interpretação da experiência humana, e a percepção ambiental do lugar, da paisagem e do espaço é dotada de sentimentos próprios dos seres humanos. E, é com estes sentimentos que fundamenta-se a educação ambiental, isto é, a sensibilização individual é que vai estabelecer relações e ações coletivas. O trabalho para o grupo estudado tem características figurativas das formigas, pois incorporam o trabalho minuncioso e seletivo das mesmas, cooperando orgulhosamente com o processo de manutenção da imagem do citymarketing curitibano.

Os espaços urbanos devem ser adequados às necessidades dos habitantes, o desenho urbano deve aproximar-se da realidade da comunidade local. Diante disso, os carrinheiros da Vila das Torres, conforme relatos já mencionados, não se vêem inseridos nestes critérios.

No capítulo III, deste trabalho, fez-se uma breve introdução ao processo de urbanização e à percepção da cidade moderna, já que Curitiba se enquadra

neste processo; tratou-se também da questão da imagem oficial, divulgada pela mídia, distante da realidade retratada pelos catadores de papel. O planejamento de Curitiba, com enfoque humanista, descaracteriza o seu real sentido, pois há claramente a segregação espacial, e os moradores desta vivenciam no seu dia-a-dia a discriminação relativa aos conceitos de “belo” e “feio”.

Por ser um estudo de caso, foi necessário um enfoque dos programas do sistema de coleta de lixo em Curitiba, e a importância dada aos trabalhadores do lixo neste contexto, já que estes trabalham e moram com os resíduos sólidos coletados, interferindo diretamente nas relações com as paisagens “belas” e “feias”.

A imagem “cartão-postal” e “capital social” divulgada atualmente pela mídia e a real identidade de Curitiba, por onde permeia uma população que não se identifica como agente, vivenciando em seu dia-a-dia a segregação espacial e a discriminação entre conceitos de “belo” e “feio”, permitiram através deste, uma nova leitura da cidade.

Tal qual as formigas, insetos sociais, eles, catadores, atuam na paisagem do “belo”. Atores presentes no processo de construção da imagem real, se identificam como o “feio” necessário para a manutenção do “belo”.

Nas análises das fotografias, entrecortadas de valores sentimentais, na leitura dos carrinheiros, ficou evidente o “orgulho” que sentem de Curitiba, resultado explícito das ações decorrentes do processo de citymarketing. A escolha das fotografias denota este conceito, pois mostram todas as paisagens “cartões-postais” visualizadas no seu percurso diário e, ao mesmo tempo, a revolta de não serem reconhecidos como cidadãos que vivenciam as imagens “belas” fotografadas. Se vêem ocupando um espaço marginal, e justificam sua posição de inferioridade social, visualmente “feia”, pois gera o incômodo de grande parcela da população, mediante do “belo” oferecido pela cidade.

A percepção ambiental entremeia-se com os sentimentos e significados que as imagens oferecem; quando falam de “belo” escolhem as fotografias que o representem dentro dos conceitos introspectados, recheado de valores sociais vigentes, alardeando sobre as “belezas” dos lugares, e quando falam de “feio”, falam com tristeza ou revolta sobre as suas condições de vida .

Ao mesmo tempo, ao falar de “belo” e de “feio”, com significados sentimentais, vivenciados no seu dia a dia, vem à tona todos os sentimentos - o elo afetivo - com os lugares, a família, os amigos.

A observação destas interpretações de imagens já consagradas como “belas” ou “feias”, constituem traços de identidade coletiva, justificadas pelo citymarketing de Curitiba , enquanto o “belo” e o “feio” na identidade individual, são construídos com afetividade representativa no mundo vivido de cada um.

Assim, a imagem construída pela mídia adquire força, interferindo nas opiniões e sentimentos pessoais, massificando conceitos e valores sociais, interferindo na construção das representações da vida de cada cidadão.

O trabalho desenvolvido permitiu apreender que para uma parcela da sociedade de uma grande cidade, no caso os carrinheiros da Vila das Torres de Curitiba, a percepção ambiental coletiva está intrinsecamente associada às imagens projetadas pela mídia, enquanto a percepção ambiental do mundo vivido interliga-se com o elo afetivo, analogicamente representados pelo “belo” e pelo “feio”.

A representatividade das imagens para os carrinheiros, supõe perceber a inter-relação entre todos os elementos que compõe as paisagens de Curitiba , com a sua identidade enquanto cidadãos que vivenciam, transformam e participam da construção dessas paisagens.

Em suma, a pesquisa teve um caráter de explicitar alguns resultados a partir de um estudo de caso na perspectiva da percepção ambiental no campo da geografia. De maneira geral é preciso nos ater-mos às respostas que envolveram os valores afetivos dos carrinheiros com o seu mundo, respostas estas resumidas no relato de um dos carrinheiros ao descrever uma fotografia: “*Uma janela para o futuro, não precisa falar mais nada né?*”.

Longe de se pretender um trabalho conclusivo, este tem como objetivo proporcionar uma introdução à problemática cerne da pesquisa: a forma como a população “marginal” à sociedade curitibana se vê e se identifica com sua cidade.

BIBLIOGRAFIA REFERÊNCIADA

- .ANDRADE, Rivail Vanin. **O processo de produção dos parques e bosques públicos de Curitiba.** Curitiba/PR: UFPR, 2001. Dissertação de Mestrado. Inédito.
- . AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.
- .CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: ÁTICA, 2000. 7º ed.
- .CEMPRE- COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Reciclagem e Negócio.** Rio de Janeiro, 1995.
- .CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** [Trad. Pimenta, L. F. & Pimenta, M.C.]. Florianópolis/SC: UFSC, 1999.
- .COLLOT, Michel. Ponto de vista sobre a percepção das paisagens. In: **Boletim de geografia teorética**, vol. 20, n. 30, Rio Claro, 1990.
- .COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia.** São Paulo: Saraiva, 2000. 15º ed.
- .CURITIBA. Disponível em: <http://w.w.w. Curitiba.pr.gov.br/pmc/Servico/SMLP>> Acesso em: 23 ago.2001.
- .DAROLT, Moacyr Roberto et al. **Rotas do Lixo em Curitiba-Pr.** Trabalho apresentado na II Jornadas Científicas sobre Meio Ambiente, Curitiba, 08 a 11/12/1996.
- .DAVANZO, Sonia Maria. **Meio Ambiente e Gravidez na Adolescência: Um Estudo de Desenvolvimento Humano em uma Vila de Recicladores de lixo em Curitiba-Pr.** Curitiba/PR: UFPR, Curitiba, 2001. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Inédito.
- .HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. In: **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, nº 3, 1996.
- .KOHLSDORF, Maria Elaine. Percepção da paisagem e planejamento da identidade. In: In: OLIVEIRA, Lívia de & MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho (Orgs.). **Caderno(s) Paisagem, Paisagens.** 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998. Pp. 27-34.

- .MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho. Paisagem, ação, percepção e cognição. In: OLIVEIRA, Lívia de & MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho (Orgs.). **Caderno(s) Paisagem, Paisagens.** 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998. Pp. 1-4.
- .MELLO, João B. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira Geográfica**, Rio de Janeiro: v. 52, nº 4, p. 91-115.,1990.
- .MENDONÇA, Francisco. **Aspectos da problemática ambiental urbana da cidade de Curitiba e o mito da ‘capital ecológica’.** In: Revista do Departamento de Sociologia/UFPR, 2001. No prelo.
- _____. Abordagem interdisciplinar da problemática ambiental urbana metropolitana: Esboço metodológico da experiência do Doutorado MA&D da UFPR sobre a RMC – Região Metropolitana de Curitiba/PR. In: **Cadernos de Meio Ambiente e Desenvolvimento**, UFPR, n.6, 2001b. No prelo.
- .MOURA, Rosa e ULTRAMARI, Clovis. **Metrópole.** Curitiba/PR: IPARDES, 1994.
- .OBLADEN, N. O., CHACOLOWSKI Jr. F., RUCINSKI E. J. **Reciclagem de resíduos sólidos urbanos na região metropolitana de Curitiba.** 6a ed. Curitiba: PUC, 1992.
- .OLIVEIRA, Dennison. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo.** Curitiba, Pr: UFPR, 2000.
- .OLIVEIRA, Lívia de. **Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica.** In: **Geografia**. Vol. 2, nº 3, 1977. p. 61 –72.
- _____. A percepção da qualidade ambiental. **A ação do homem e a qualidade ambiental.** Rio Claro: ARGEO e Câmara Municipal de Rio Claro, 1983.
- _____. Percepção e representação do espaço geográfico. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Percepção ambiental: A experiência brasileira.** São Paulo: Estudio Nobel, 1999.
- .RELPH, Edward. **A Paisagem Urbana Moderna.** RJ: Edições 70, 1979.
- .RODRIGUES, Arlete Moisés. **Produção e Consuno do e no Espaço: A problemática Ambiental Urbana.** São Paulo: HUCITEC, 1998.
- .RYBCZYNISKY, Wiltold. **Vidas nas cidades - espectativas urbanas no Mundo Novo.** Rio de Janeiro: RECORD, 1996.
- .SAMEK, Jorge. **A Curitiba do Terceiro Milênio.** Curitiba: PALAVRA,1996.

- .SANCHEZ GARCIA, Fernanda Esther. Cidade, Pólis, Política: Novos Cenários de Futuro. In: **Caderno de Gestão Pública**. Vol. 1. Curitiba: Fund. Pedroso Horta, 1999. P.09 /17.
- ._____. O City Marketing de Curitiba – Cultura e comunicação na construção da imagem urbana. In: . In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Percepção ambiental: A experiência brasileira**. São Paulo: Estudio Nobel, 1999.
- .SANTOS, M. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.
- ._____. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- ._____. **Por uma Geografia Nova**. SP: HUCITEC, 1986.
- ._____. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. SP: HUCITEC, 1996.
- .SUERTEGARAY, Dirce Maria e SHAFFER, Neiva Otero.
- .TUAN, Yi-fu. : **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- ._____. Geografia Humanística. In: CRISTOFOLLETTI, Antonio (Org.): **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 143 – 164.
- ._____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- .XAVIER, Herbe. Contribuição de Gibson e Lynch para o estudo da percepção geográfica. In: **Caderno de Geografia**, v. 2, n. 1, pp. 67 –77 Belo Horizonte, 1991.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- .AB”SABER, Aziz Nacib. **Espaço territorial e proteção ambiental**. In: **Geografia & Questão Ambiental**. SP: Marco Zero/AGB, 1988.
- .ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia: Ciência e Sociedade**. SP: ATLAS, 1987.

- _____. Norma da ABNT para coleta de resíduos sólidos: classificação limpeza pública. n. 41, p. 21-24, abr./jun. 1993.
- .ANPUH - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA. Cultura & Cidades. **Revista Brasileira de História** nº 8/9, set/1984 - abr/1985.
- .BLEY, Lineu. Morretes: Um estudo da paisagem valorizada. In: OLIVEIRA, Lívia de & MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho (Orgs.). **Caderno(s) Paisagem, Paisagens**. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998.
- .BOADA, Luis. **O Espaço Recriado**. São Paulo: NOBEL, 1991.
- .CETESB; ACETESB. **Resíduos sólidos industriais**. São Paulo: Agosto, 1985.
- .COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL. **Resíduos Sólidos Domésticos: Tratamento e Disposição Final**. São Paulo, 1994.
- .CORRÊA, Roberto Lobato. **Tragetórias Geográficas**. RJ: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. e ROSENDALH, Zeni (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- .DURKHEIM, Émile. Prefácio da segunda Edição. in: **As Regras do Método Sociológico**. 3º ed., São Paulo: Comapnhaia Editora Nacional, 1963.
- .REVISTA ESPAÇO E CULTURA, Rio de Janeiro,. dez, 1996. nº 3.
- _____. _____. Dez, 1999. nº 8.
- .GEORGE, Pierre. **O Meio Ambiente**. Heloysa de Lima Dantas (trad.). São Paulo: Difusão Européia, 1972.
- .GOMES, Paulo César da COSTA. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- .GONÇALVES, Maria Flora. **O Novo Brasil Urbano**. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1995.
- .INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL – IBAM. **Consulta nacional sobre a gestão do saneamento e do meio ambiente urbano**. Florianópolis: 1994.

- .INTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS TECNOLÓGICA- IPT & COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM-CEMPRE. **Lixo Municipal: Manual de gerenciamento integrado.** São Paulo: 1995.
- KIEHL, E. J. **Fertilizantes orgânicos.** São Paulo: CERES, 1995. p. 69-80.
- KUHNEN, A. **Reciclando o cotidiano e representações sociais do lixo.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.
- MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho. Paisagens valorizadas. In: **Geografia** p.75 – 78, Rio Claro, 1988.
- _____. **Paisagem, ação, percepção e cognição.** In: OLIVEIRA, Lívia de & MACHADO, Lucy Marion C. Philadelpho (Orgs.). **Caderno(s) Paisagem, Paisagens.** 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998.
- .MARINI, P. **Lixo: uma montanha de problemas.** Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 1992.
- .MONTEIRO, J. H. P., MANSUR, G. L. **Viabilidade econômica dos serviços de limpeza urbana.** Belém, 1989.
- .MOURA, Rosa e MAGALHÃES, Marisa Valle. Leitura do padrão de urbanização do Paraná nas últimas décadas. In: **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 88, Curitiba, 1996. Pp. 3-21.
- .OLIVEIRA, Livia de e MACHADO, Lucia Marion C. Philadelpho (orgs). **Cadernos Paisagem (s).** Textos apresentados nas mesas redondas 3º Encontro Interdiscilinar sobre o Estudo da Paisagem. Rio Claro, SP: UNESP, 1998.
- .PAVIANI, Aldo (org.) . **Urbanização e Metropolização.** Brasília, DF: UNB, 1987.
- .PEDRINI, A. G. et al (Org.). **Educação Ambiental.** Petrópolis-RJ: 1998, 2º ed.
- .PEREIRA, M.C.S. et. al. **Transformando e reciclando os restos: o lixo passado a limpo.** Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, [s.d.].
- .PONTES, J. B. **Tratamento e destinação final de resíduos sólidos urbanos.** Curitiba: SUCEAM, 1994.
- .RECH, Clóvis. **Coleta Seletiva para Reciclagem dos Resíduos Sólidos Urbanos de francisco Beltrão-Pr.** Monografia de Especialização, UNICENTRO, 1996.

- .SANCHEZ GARCIA, Fernanda Esther. Reorganização do espaço metropolitano e marketing territorial: O caso da grande Curitiba. 7 Encontro Nacional da ANPUR, *Anais*. Recife, 1997.
- .SANTOS, E.S.A. **Planos regionais integrados de limpeza urbana**. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1992.
- .SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: NOBEL, 1985.
- _____. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- .SOUZA, Carlos Leite de. Cognição ambiental e leitura da paisagem urbana: teoria e prática. In: OLIVEIRA, Lívia de & MACHADO, Lucy M. C. P. (Orgs). **Paisagem Paisagens**. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da Paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998.
- .UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para Apresentação de Documentos Científicos**. Curitiba: ed. UFPFR, 2000. V.2. Teses, Dissertações, Monografias e trabalhos Acadêmicos.
- _____. _____. V. 6. Referências.
- _____. _____. V. 8. Redação e Editoração.
- .VESENTINI, José Willian (ed. resp.). **Geografia & Questão Ambiental**. São Paulo: AGB, 1988, Terra livre, v. 3.
- .WELLS, C.; BAHIA, S. R. **Caderno de reciclagem**. Rio de Janeiro: CEMPRE/IBAM, 1993. v. 2.
- .WONS, Y. **Geografia do Paraná**. 6ª ed. Curitiba: Ensino Renovado, 1994.

Anexo 1

QUESTIONÁRIO

1) Nome: _____

2) Endereço: _____

3) Ponto de referência: _____ Profissão: _____

4) Idade: _____ 04) Sexo: () Masc. () Fem.

5) Estado Civil: () Casado(a) () Solteiro(a) () Viúvo(a) () Amaziado (a) Outros ()

6) Escolaridade: _____ Nº de filhos _____

7) Origem: _____ Tempo de moradia em Curitiba: _____

8) Tempo de moradia neste bairro: _____ Tempo de moradia neste endereço: _____

9) Tipo de moradia: () própria () alugada () outras _____
() alvenaria () madeira () outra _____

10) Nº de pessoas residentes na mesma moradia: _____

Grau de parentesco: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____

11) Possui animais domésticos () sim () não Tipo: () cão () gato () outros _____

12) Estado de saúde da família: () ótimo () bom () regular () ruim

13) Pertence a alguma instituição? () sim () não Qual? _____

14) Utiliza algum benefício público? () sim () não Qual?

15) De quem é o carrinho que utiliza? _____

16) Para quem você entrega o produto (vende)? _____

17) Que tipo de produto é recolhido? _____

18) Qual o valor do produto? _____

19) Quanto em R\$ recebe por dia? _____

20) Qual a forma de pagamento: () salário fixo () comissão () outros _____

21) Horas trabalhadas por dia _____ Kms percorridos (aprox) _____

Renda mensal da família: _____

22) A quanto tempo trabalha como carrinheiro? _____ Qual era sua atividade anterior? _____

23) Quem trabalha com você utilizando o mesmo caminho? _____

24) O que acha deste trabalho? _____

25) Como você se vê no meio do trânsito? _____

26) Os motoristas te respeitam? () sim () não () mais ou menos

27) Gosta de morar em Curitiba? () sim () não () mais ou menos Por que? _____

28) O que acha de Curitiba ser chamada de "Cidade Ecológica"?

29) Como se vê morando nesta cidade?

30) O que pensa realizando seu trabalho?

INTERPRETAÇÃO DAS FOTOS:

31) Por que escolheu tirar estas fotos?

32) O que sentiu ao tirar as fotos?

33) Quais as fotos que mais gostou? Por que?

34) O que representam para você?
